



Lorena Borges



Lorena Borges

Faculdade Redentor
Arquitetura e Urbanismo



Lorennna Correia Borges
TCC 1

Thiago Maia
Orientador

Itaperuna, RJ
Junho/

Sumário		Usos e funções.....	29
		Tipologia Arquitetônica.....	30
Resumo.....	04	Gabarito.....	36
Introdução.....	05	Sistema Viário.....	38
Justificativa e relevância do tema.....	06		
Histórico do centro cultural.....	10	Legislação	41
		NT -10 Saídas de emergência.....	44
Aspectos Fisiográficos.....	13	NBR 9050/2004.....	44
Localização.....	13		
Histórico da ocupação.....	16	Manifestações culturais locais.....	45
Mapa desenvolvimento urbano.....	21	Carnaval.....	45
O tombamento.....	22	Boi Pintadinho ou Boi Malhado.....	45
O terreno.....	25	Folia de Reis.....	53
		Associação de Afrodescendentes de Muqui.....	61
Entorno Imediato		Grupo Cultural ETC.....	63
Cheios/vazios.....	28	FECIN.....	64

Muqui na Passarela.....	66
Logomarca.....	69
Referências Projetuais.....	70
Programa de necessidades básicas.....	82
Estudo da forma.....	86
Projeto.....	88
Referências.....	93
Anexos.....	96
Parecer do orientador.....	97



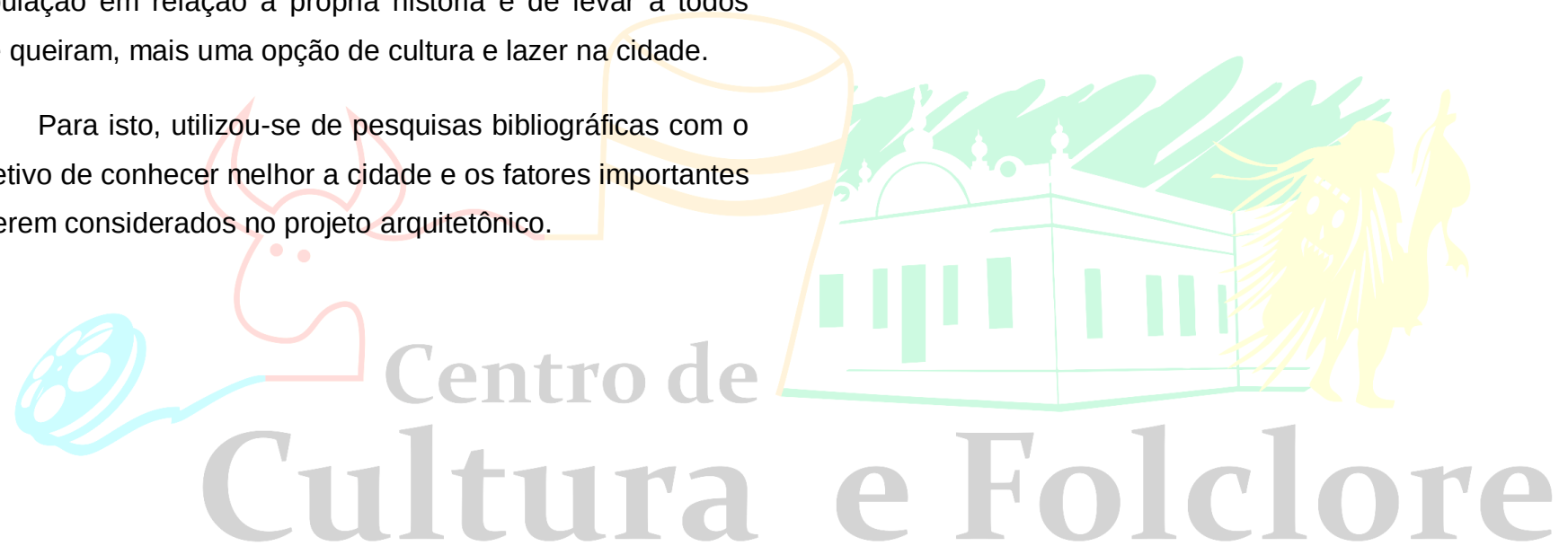
Centro de Cultura e Folclore



Resumo

Este trabalho trata da implantação de um Centro Cultural na cidade de Muqui, ES, a fim de suprir a carência da população em relação à própria história e de levar a todos que queiram, mais uma opção de cultura e lazer na cidade.

Para isto, utilizou-se de pesquisas bibliográficas com o objetivo de conhecer melhor a cidade e os fatores importantes a serem considerados no projeto arquitetônico.



Introdução

Muqui está localizada ao sul do Espírito Santo e conta hoje com um grande acervo de bens imóveis tombados em esfera estadual. Possui também uma cultura muito rica que é representada pelo do carnaval de Boi Pintadinho, Folias de Reis e outras manifestações.

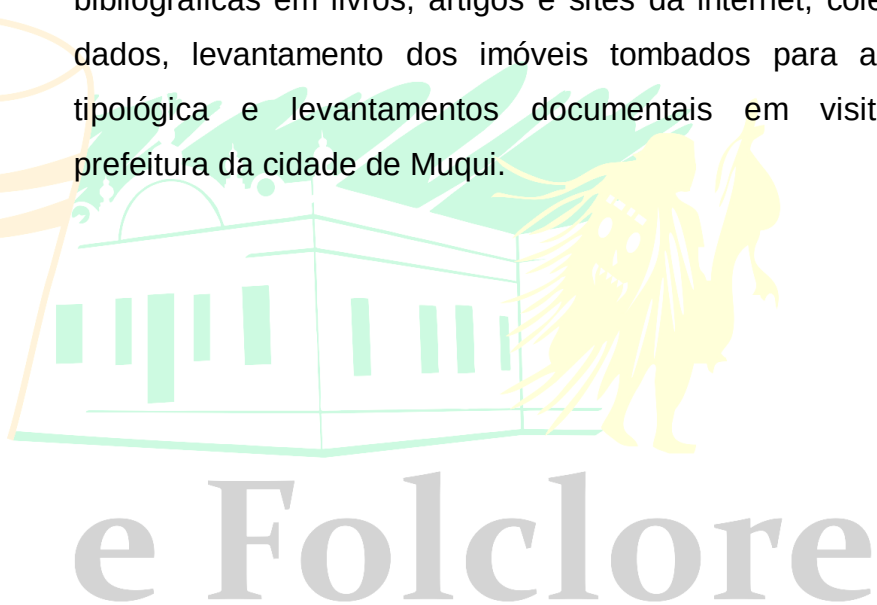
Devido ao fato de ser considerado o maior sítio histórico do estado do Espírito Santo, Muqui atrai visitantes de diversos lugares a fim de conhecer a cidade.

Apostando no desenvolvimento cultural da cidade, propõe-se a implantação de um Centro Cultural em Muqui denominado Centro de Cultura e Folclore, e este terá como objetivo levar a todos que queiram conhecer mais sobre a cidade um pouco da história e cultura local.

Acredita-se que os centros culturais tiveram origem na antiguidade clássica, porém, somente no século XIX surgiram

os primeiros centros Culturais que serviram de referência para a criação dos demais.

Para conhecer melhor os fatores que são importantes á realização deste trabalho, utilizou-se de pesquisas bibliográficas em livros, artigos e sites da internet, coleta de dados, levantamento dos imóveis tombados para análise tipológica e levantamentos documentais em visitas à prefeitura da cidade de Muqui.



Justificativa e relevância do tema

Muqui se destaca no cenário capixaba por seu acervo arquitetônico preservado com 227 imóveis tombados em esfera estadual (Resolução CEC Nº 003/2012), sendo considerado o maior sítio histórico do estado do Espírito Santo.

Além do patrimônio físico material, tem-se ainda o imaterial que é composto por um rico folclore representado pelo Carnaval do Boi Pintadinho, que há mais de 70 anos está presente na cultura da cidade, inicialmente em festas religiosas como a de São João Batista, em junho, sendo a tradição levada mais tarde para o carnaval (CIRILLO, online) (Fig. 1), e o Encontro Nacional de Folia de Reis realizado anualmente na cidade e que, segundo historiadores, é o maior e mais antigo encontro folclórico do Brasil (CIRILO, online) (Fig. 2). Estes dois eventos caracterizam as principais manifestações artísticas e culturais da cidade.



Fig. 1 – Carnaval Boi Pintadinho - Muqui

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=162



Fig. 2 – Folia De Reis - Muqui

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=164

Apesar de toda a riqueza arquitetônica e cultural da cidade, comprovou-se através de pesquisas a carência de informação da população em relação à própria história, visto que não é oferecido nenhum tipo de incentivo à educação patrimonial no município, sendo que atualmente, os únicos locais disponíveis para conhecer essa história é a casa da D. Ney Rambalducci (Fig. 3), historiadora, que gentilmente abre sua casa à visitação, e o Museu Virtual da Câmara de Vereadores de Muqui (Fig. 4).

Cultura e Folclore



Fig. 3 – Casa D. Ney Rambalducci

Fonte: arquivo pessoal. Data: abril, 2014



Fig. 4 – Site Câmara Municipal de Muqui

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp/

Outro local que foi destinado à cultura na cidade é a antiga estação de trem, atual rodoviária (Fig. 5), que na década de 1990 foi modificada, sendo adaptada para atender à Secretaria de Turismo, Biblioteca Municipal Cyro Duarte, Casa do Artesão e um pequeno auditório (SEBRAE/ES, online). Este local foi denominado Centro Cultural Wolfango Ferreira e, posteriormente, Centro Cultural Emanuel Britto Ribeiro, porém atualmente encontra-se em desuso destas

funções abrigando somente a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, uma loja de artesanato que atualmente está fechada e o auditório interditado por más condições de uso.



Fig. 5 – Rodoviária, antigo centro cultural de Muqui.

Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Loreнна Borges Data: abril, 2014.

Percebendo esta carência, vê-se a oportunidade de criar um Centro Cultural em Muqui com o objetivo de levar à toda população e visitantes a história e a cultura da cidade. Será um local também onde as pessoas e os grupos culturais da cidade poderão promover a cultura e incentivar novas manifestações artísticas. As pessoas poderão interagir diretamente com a cultura, folclore e arte local, favorecendo assim o fluxo de pessoas na cidade que poderá impulsionar o turismo, sendo mais uma opção de lazer para os visitantes e o comércio local, que com o aumento de pessoas na cidade, aumenta o dinheiro em circulação e pode favorecer a criação de novos empreendimentos para atender às necessidades do público.

Histórico do centro cultural

Os centros culturais são instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico (NEVES, 2012).

De acordo com Ramos (2007), a origem dos centros culturais está ligada à antiguidade clássica, onde a Biblioteca de Alexandria foi caracterizada como a pioneira no assunto, composta de um amplo programa que continha jardins, observatórios, salas de trabalho, espaços para culto às divindades, dentre outros.



Fig. 6 – Imagem Representativa Biblioteca de Alexandria.

Fonte: <http://blogs.fanbox.com/SinglePost.aspx?pbid=2034853&post=2639333&bts=50>

Foram criados no século XIX os primeiros centros culturais, denominados “Centros de Artes”, porém somente em 1977 foi inaugurado, na França, o primeiro edifício denominado centro cultural, o Centre National d’Art et Culture Georges Pompidou (Fig. 7) (RAMOS, 2007).



Fig. 7 – Centro Nacional de Arte e Cultura George Pompidou

Fonte: <http://blogs.fanbox.com/SinglePost.aspx?pbid=2034853&post=2639333&bts=50>

No Brasil começou-se a falar em centros culturais na década de 1980, sob influência dos países europeus. Neste período foram criados o Centro Cultural do Jabaquara (Fig. 8)

e o Centro Cultural São Paulo (Fig. 9), ambos em São Paulo (NEVES, 2012).



Fig. 8 – Centro Cultural do Jabaquara, SP.

Fonte: <http://shieh.com.br/CENTRO-CULTURAL-JABAQUARA>



Fig. 9 – Centro Cultural São Paulo, SP.

Fonte: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/aviso.html>

De acordo com Neves (2012), no Brasil os centros culturais vêm surgindo através de investimentos pelas leis de incentivo à cultura, tendo visto que os órgãos públicos são os principais realizadores destes espaços.



Aspectos fisiográficos

Localização

A cidade de Muqui está localizada ao sul do Espírito Santo na microrregião Centro Sul (fig. 11), que compreende as cidades Apiacá, Atílio Vivácqua, Castelo, Cachoeiro de Itapemirim, Jerônimo Monteiro, Muqui, Mimoso do Sul e Vargem Alta. Distante 180 km da capital, Vitória (fig. 12), seu território possui uma extensão de 327,490 m². De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2013 sua população estimada é de 15.438 habitantes.



Fig. 10– Brasil – Espírito Santo

Fonte: <http://baudaweb.blogspot.com.br/> - Adaptado por Lorena Borges

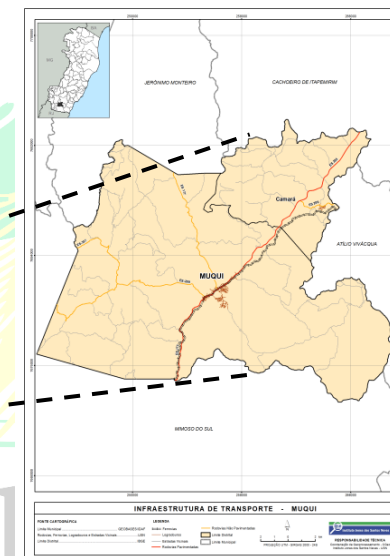
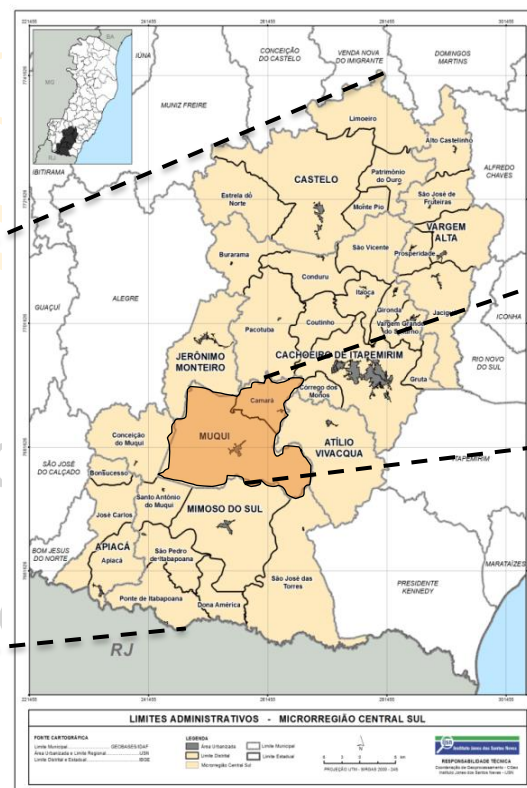
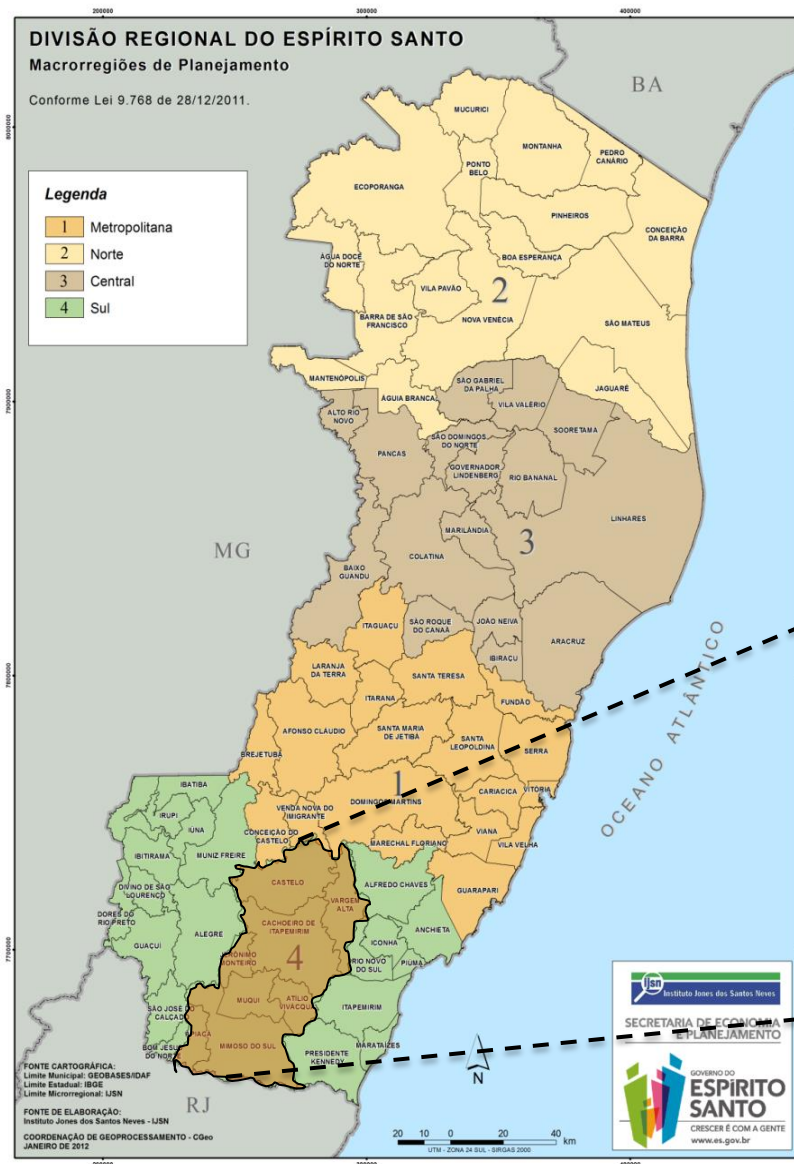


Fig. 11 – Espírito Santo – Microregiões – Microregião Centro Sul - Muqui

Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br> - Adaptado por Lorena Borges



Fig. 12 - Distância Muqui x Vitória - - - - 180 Km

Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br> - Adaptado por Lorena Borges



Histórico da ocupação

Inicialmente Muqui era habitada por índios Puris, mas não se tem registros de quando abandonaram o local. Consta em arquivos que a colonização iniciou-se por posseiros de nomes João Corumbá e Henrique Alemão aproximadamente no ano de 1840, na região do Vale do Sumidouro, próximo da serra dos Pirineus. Em 1849 José Pinheiro Souza Werneck vindo de Valença, RJ, chega à região do Sumidouro onde adquire terras que será implantada mais tarde, no ano de 1852 a fazenda Santa Tereza, caracterizando o primeiro núcleo populacional. Com o aparecimento de mais fazendas à beira do ribeirão Muquy a povoação passa a ser chamada, em 1853, de Arraial dos Lagartos (Fig. 13) (CIRILLO, online).

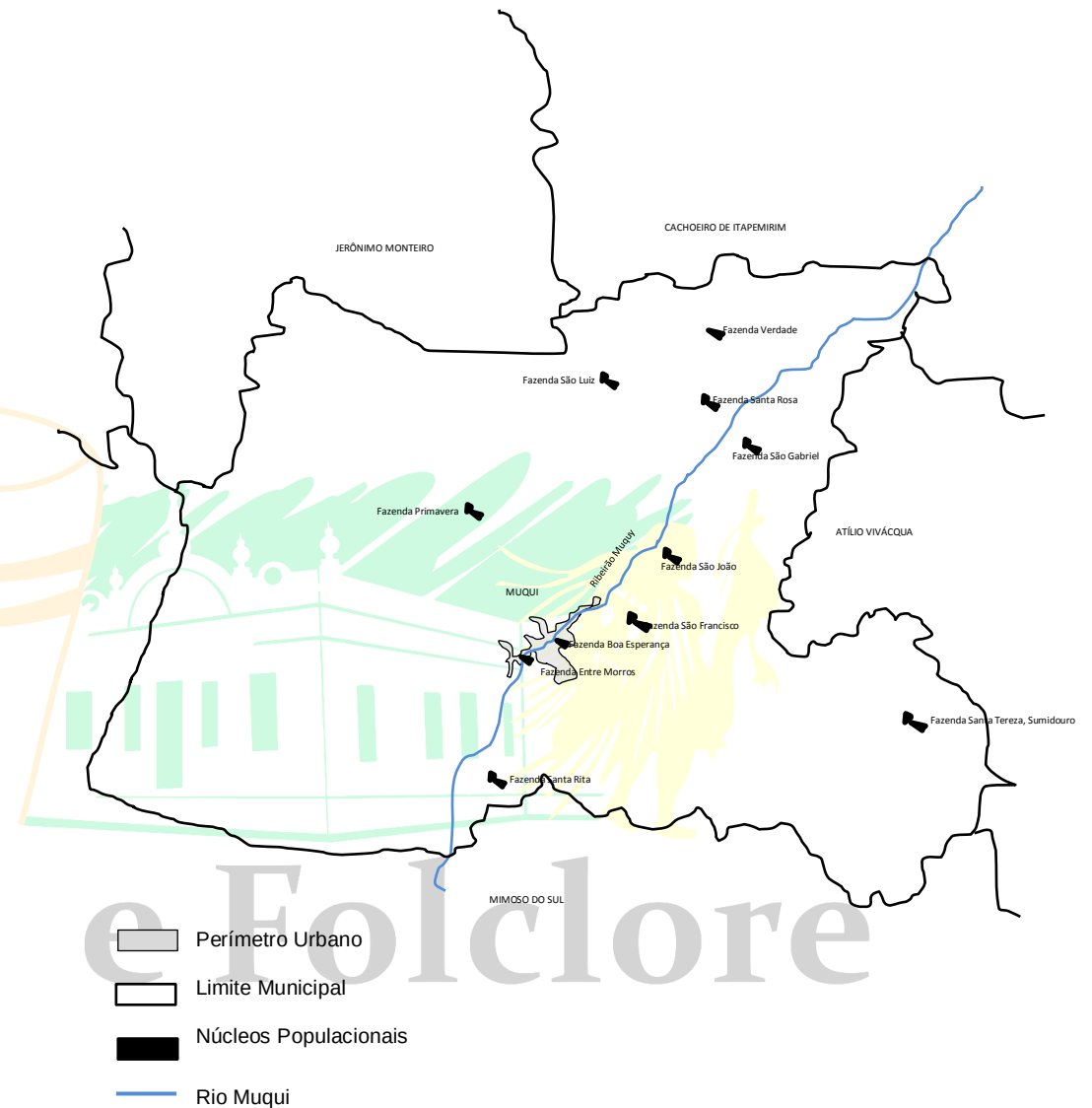


Fig. 13 – Arraial dos Lagartos

Fonte: Lorena Borges. Data: abril de 2014.

Em 1890 o povoado foi desmembrado de Cachoeiro de Itapemirim e anexado a São Pedro de Alcântara de Itabapoana e no mesmo ano, a partir do decreto 53/1890 em 11 de novembro de 1890 foi anexada a Calçado (CIRILLO, online).

Em 1902 é inaugurada no povoado a estação ferroviária Leopoldina (fig.14), que liga Vitória ao Rio de Janeiro, que teve importante papel na economia local por facilitar o escoamento da produção cafeeira da região e trazer os imigrantes libaneses, portugueses, espanhóis e italianos que ajudaram no processo de desenvolvimento da cidade. A partir desta ocasião pode-se perceber o desenvolvimento do vilarejo em torno da ferrovia (Fig. 15). Após a inauguração da linha férrea o vilarejo passa a chamar-se estação do Muquy (IBGE, online).



Fig. 14 – Muqui, 1902 – Inauguração Estação Ferroviária Leopoldina.

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=143



Fig. 15 – Muqui, 1910.

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=143

Em 1911 o vilarejo volta a ser distrito de Cachoeiro de Itapemirim, e mais tarde, em 22 de outubro de 1912, com a emancipação política passa a se chamar vila de São João do Muquy (Fig. 16) em homenagem ao padroeiro da cidade, São João Batista (CIRILLO, online). A vila neste momento constitui-se de dois distritos: São João do Muquy e São Gabriel do Muquy que permanecem até mais tarde, quando

em 1923, São João do Muqui passa a categoria de cidade (IBGE, online).



Fig. 16 – Mapa São João do Muqui (S/d)

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=143

Em 1943 São João do Muqui passa a se denominar Muqui e o distrito de São Gabriel denominar-se Camará (IBGE, online), como permanece até os dias atuais (fig. 17).

É possível observar na cidade que muitos dos casarões construídos nas décadas de 1920 e 1930 são preservados até hoje, caracterizando o período de expansão da produção cafeeira e desenvolvimento da cidade.

Segundo Gonzaga (2005):

A organização espacial do ambiente urbano sofreu grandes transformações em determinados trechos. A partir da década de 50, a cidade passa por um novo surto desenvolvimentista, após curto período de decadência econômica provocada pelos efeitos retardados da crise de 1929, nessa época a indústria e o comércio são novamente incrementados. No campo da arquitetura, nos anos 50, os modernistas encontram-se em plena atividade por todo país, principalmente na capital federal, com a qual Muqui possui estreitas relações comerciais por via ferroviária. Novamente a cidade volta a crescer e algumas edificações de antiquadas começam a ser substituídas por outras de feições mais “modernas”. Após esse breve surto de desenvolvimento, Muqui cai novamente no ostracismo econômico. As décadas de 80 e 90 são marcadas por um crescimento acelerado da malha urbana, principalmente pela ocupação desordenada dos morros periféricos da cidade, o que não significa que no período citado o município esteja passando novamente por outro surto de desenvolvimento. Esse crescimento da malha urbana é ocasionado pela contínua expulsão do homem do campo devido à redução da oferta de trabalho na região. Nesse momento terrenos vagos são reparcelsados e ocupados, edificações “velhas” são



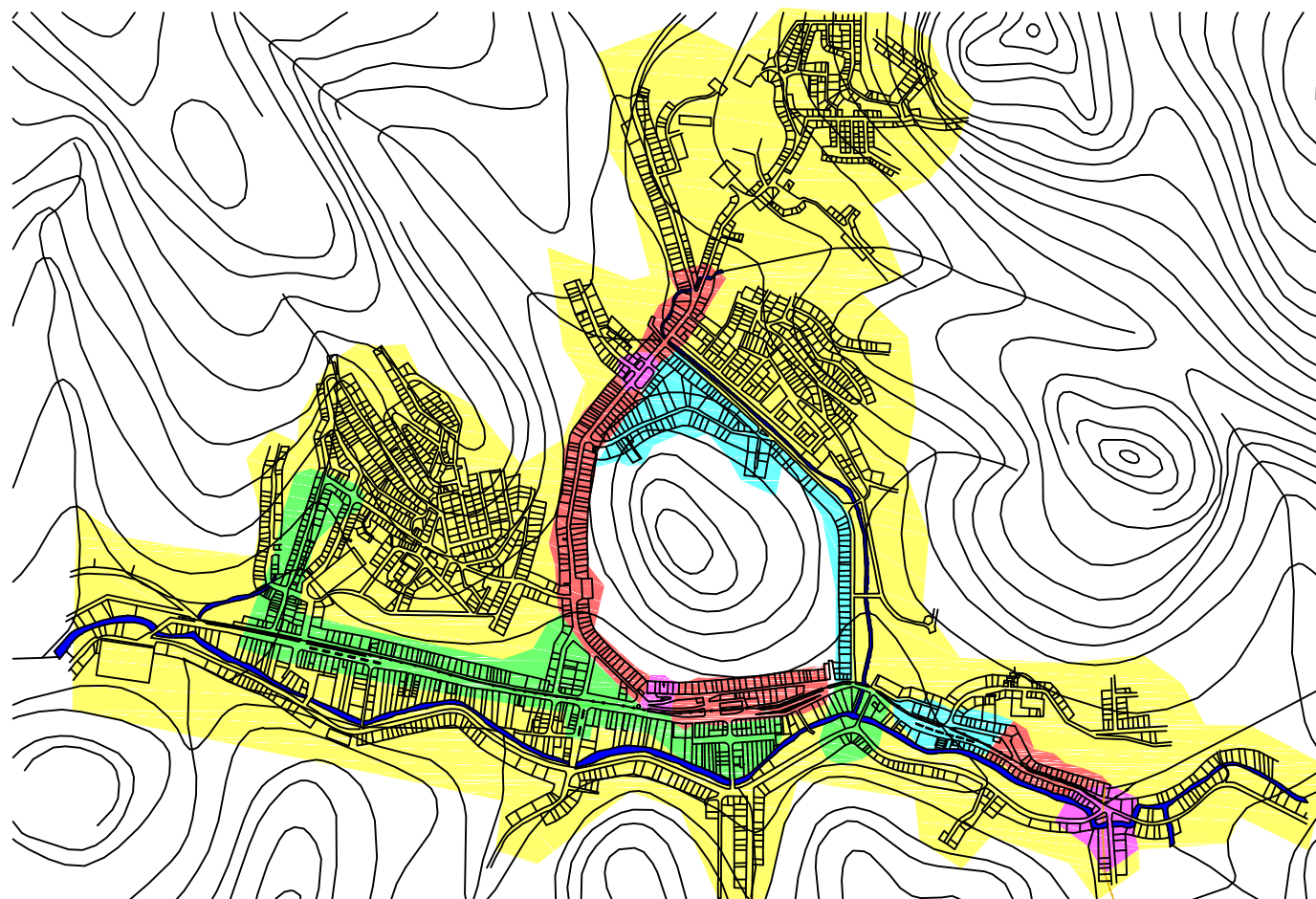
Fig. 17 – Muqui - Divisões administrativas

Fonte: <http://www.ijsn.es.gov.br>

demolidas para dar espaço às novas, fazendo com que a cidade aos poucos perca a coerência volumétrica e sua harmoniosa relação com o ambiente natural que a cerca (p. 24).

Presenciando tais modificações no contexto urbano da cidade, em 1988 foi enviado pelos moradores um abaixo assinado ao Conselho Estadual de Cultura solicitando o tombamento da cidade.





MAPA DE CRESCIMENTO DE MUQUI

ESCALA: 1/15000

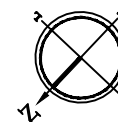
ESCALA GRÁFICA



LEGENDA

- ARRAIAL DO LAGARTO. A PARTIR DE 1853
- EIXO EMBRIONÁRIO. A PARTIR DE 1870
- A PARTIR DE 1919
- A PARTIR DE 1940
- A PARTIR DE 1970

RIO MUQUI



PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE CENTRO CULTURAL NA CIDADE DE MUQUI - ES

ALUNA: LORENN BORGES

ORIENTADOR: THIAGO MAIA

PRANCHA: MUQUI - ESCALA 1/4000

O tombamento

De acordo com a cartilha “Patrimônio histórico: como e por que preservar”, o tombamento:

É um conjunto de ações, realizadas pelo poder público e alicerçado por legislação específica, que visa preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e afetivo, impedindo a sua destruição e/ou descaracterização.

Apesar dos pedidos dos moradores, somente em 1998 iniciou-se o processo do tombamento da cidade, feito pelo Conselho Municipal de Cultura, onde 186 casarões foram incorporados no processo (Lei nº 070/99). Dez anos depois, em 05 de novembro de 2009 a SECULT (Secretaria Estadual de Cultura) decide tomba a cidade a nível estadual, num total de 299 mil metros quadrados, e abrangeu quase toda a área urbana, principalmente a avenida central da cidade (Fig. 18). Nela contém os principais imóveis construídos na década de 1920, que contam a história do ciclo cafeeiro na região.

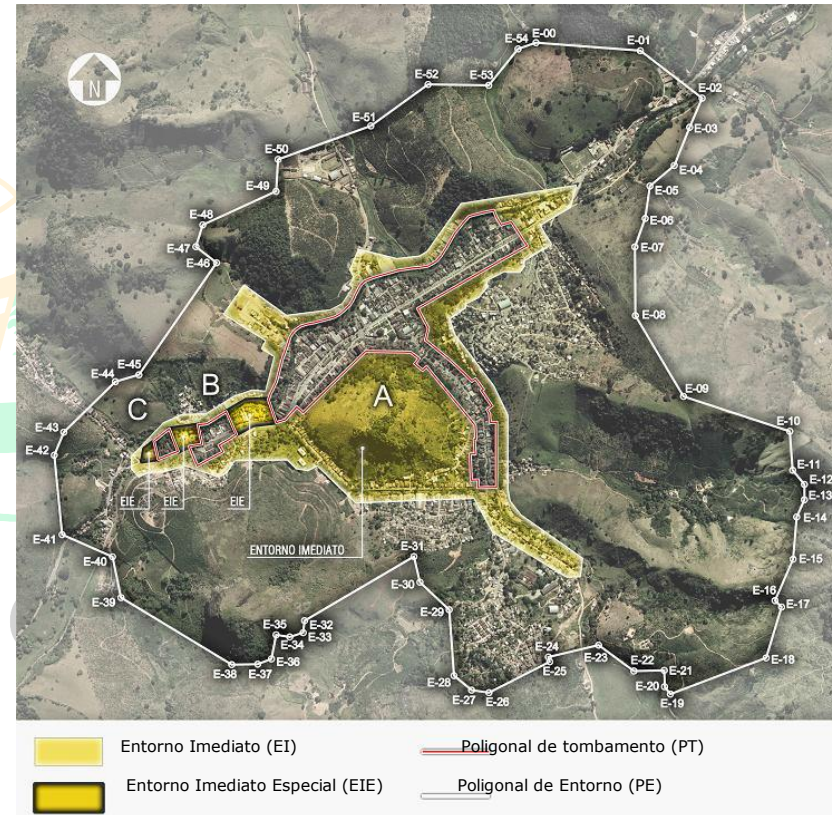


Fig. 18 – Poligonal de Entorno (PE), Entorno Imediato e Entorno imediato especial.

Fonte: Resolução CEC Nº 003/2012

Pelo fato de Muqui ser uma cidade rodeada por montanhas, viu-se a necessidade de determinar áreas de preservação ambiental e paisagística (Fig. 19) que compreende as áreas de preservação ou conservação dos recursos naturais e dos equipamentos ambientais e de paisagem (CEC nº 003/2012), definindo regras que ajudam no planejamento e ordenamento do sítio histórico e em algumas áreas proíbem a construção de novas edificações (área non-aedificandi) a fim de garantir a integridade ambiental do local (Fig. 20).

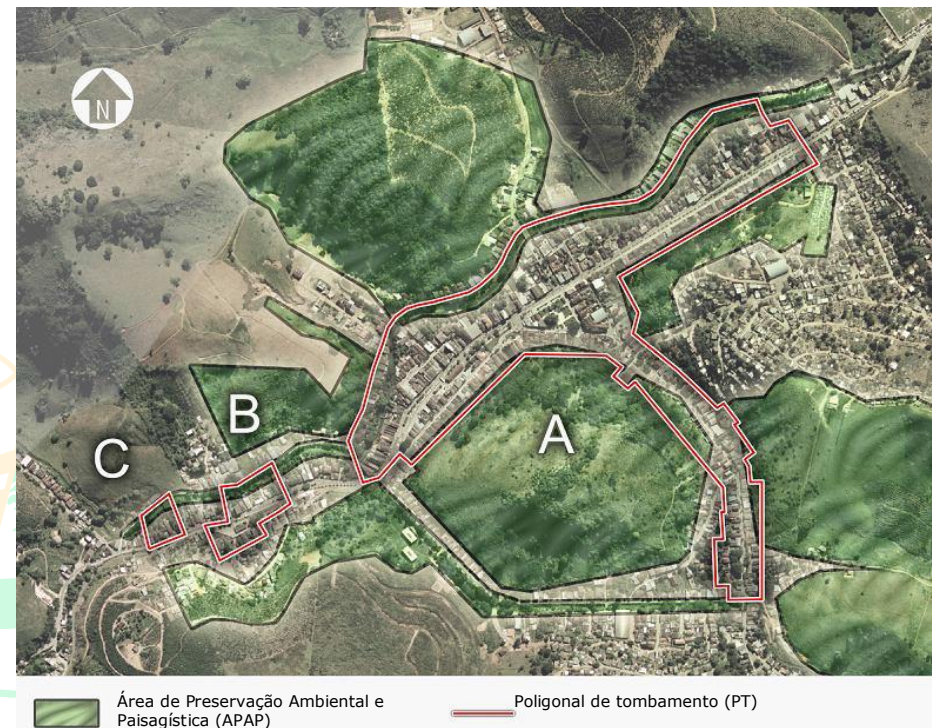


Fig. 19 – Área de Preservação Ambiental e Paisagística (APAP)

Fonte: Resolução CEC Nº 003/2012

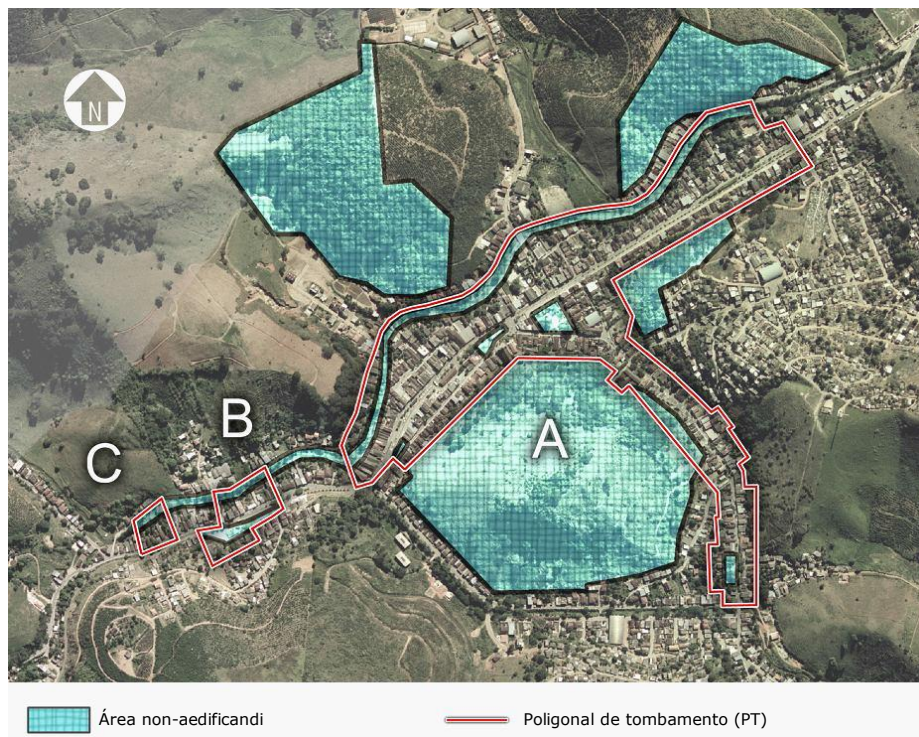


Fig. 20 – Área non-aedificandi

Fonte: Resolução CEC Nº 003/2012

Cultura e Folclore

O terreno

Para a implantação do projeto, foi feita uma análise do perímetro urbano de Muqui dando maior destaque à área central da cidade, a fim de encontrar um local que atendesse com o fácil acesso, o fluxo das pessoas e as necessidades do projeto (Fig. 21).

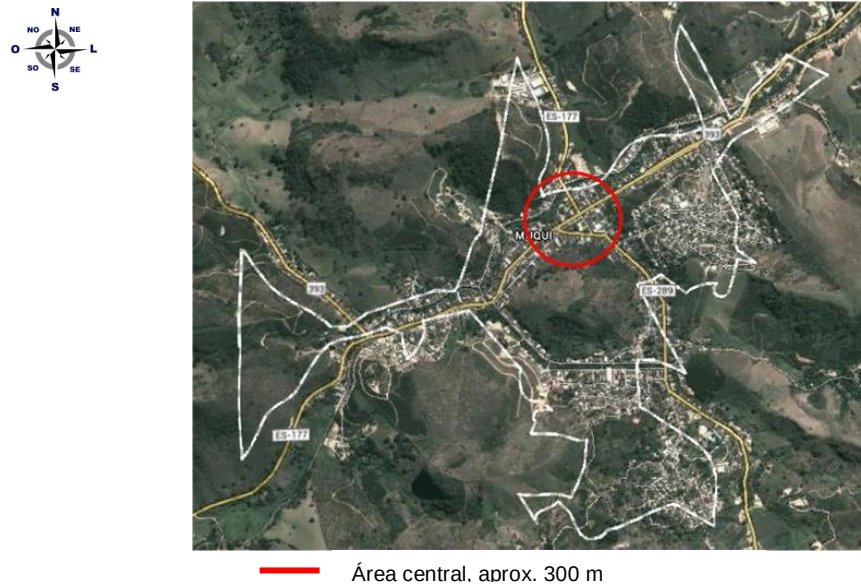


Fig. 21 – Perímetro Urbano Muqui

Fonte: Google maps – Adaptado por Loreнна Borges

O terreno escolhido fica situado à Avenida Vieira Machado, no centro de Muqui. O principal fator levado em consideração para a escolha do mesmo foi o fácil acesso por estar situado no eixo principal da cidade onde se concentram a maioria das atividades culturais e econômicas. (Fig. 22).



Fig. 22 – Aproximação Centro

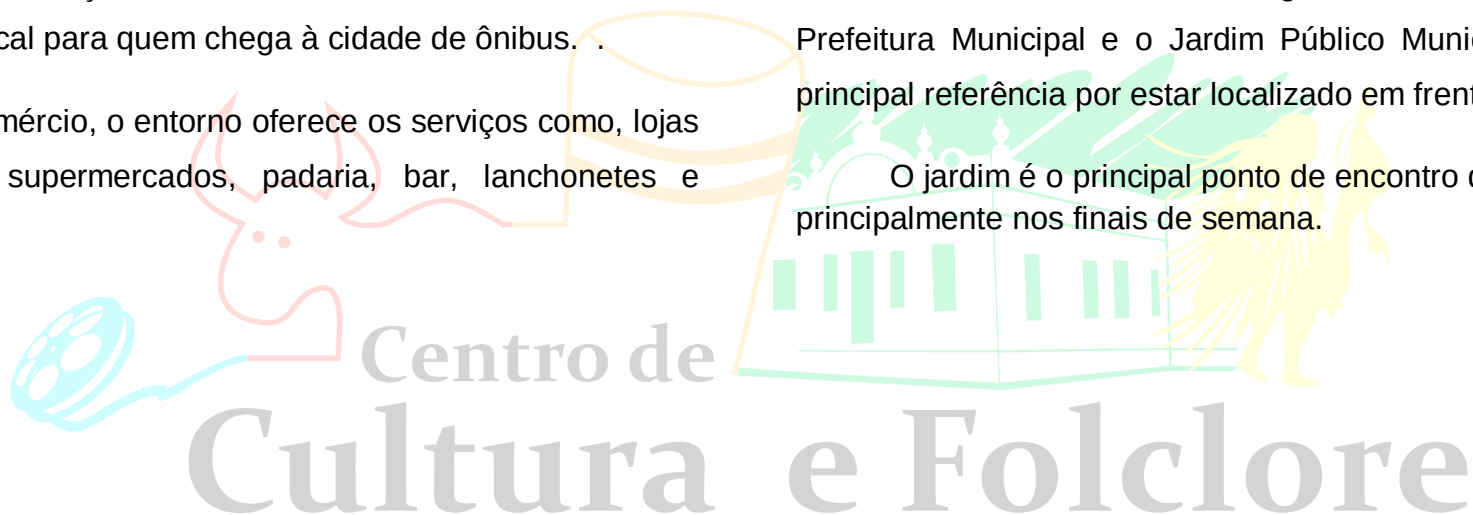
Fonte: Google maps – Adaptado por Loreнна Borges

Muqui não possui transporte público municipal, mas por se tratar de uma cidade pequena, é possível caminhar pelo centro e bairros próximos da cidade em um curto espaço de tempo. Na avenida que foi escolhida para a implantação do projeto, possui pontos de ônibus intermunicipal, praça de taxis, e a presença da rodoviária, tornando viável o fácil acesso ao local para quem chega à cidade de ônibus.

No comércio, o entorno oferece os serviços como, lojas de roupas, supermercados, padaria, bar, lanchonetes e restaurantes.

Por estar localizado na avenida principal da cidade, o terreno possui fácil identificação e no entorno também é possível encontrar pontos referenciais importantes (Fig. 23) que ajudam na localização, como o Teatro Neném Paiva, Escola de Música Manoel Vicente de Castro, Igreja matriz São João Batista, Escola de 1º grau Marcondes de Souza, Prefeitura Municipal e o Jardim Público Municipal, que é a principal referência por estar localizado em frente ao terreno.

O jardim é o principal ponto de encontro de pessoas, principalmente nos finais de semana.





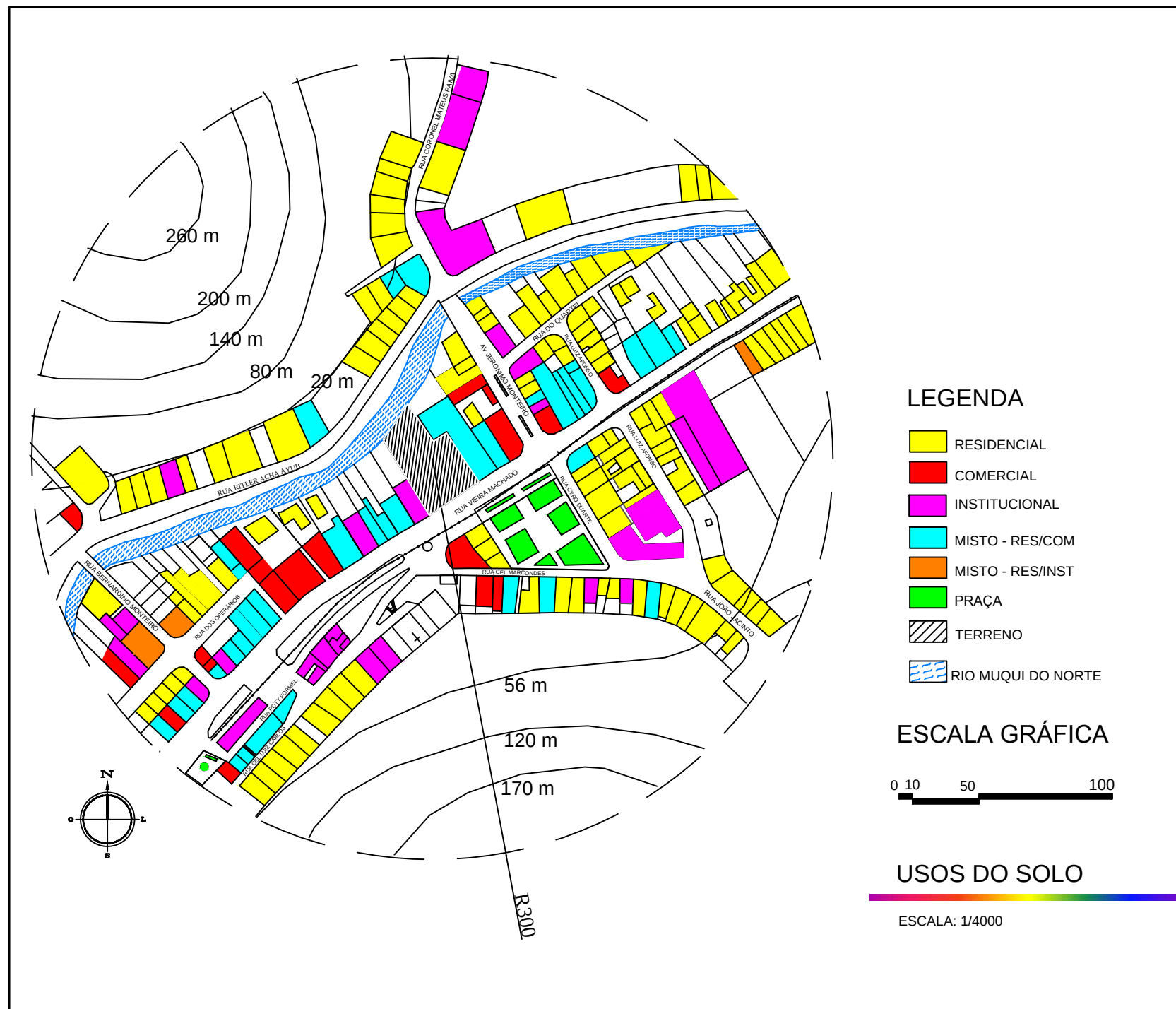
- | | | | | | |
|---|----------------------|---|--------------------------|---|---------------|
|  | Terreno |  | Esc. Marcondes de Souza |  | Igreja Matriz |
|  | Jardim Municipal |  | Teatro/ Escola de musica |  | Rodoviária |
|  | Prefeitura Municipal | | | | |



Fig. 23 – Pontos referenciais - Centro

Fonte: Google maps – Adaptado por Lorena Borges

Imagens: Lorena Borges, maio 2014



Tipologia Arquitetônica

É possível observar na cidade os vestígios de um farto período econômico observando algumas casas e sobrados. Muitas construções do início do século XX são preservadas no local. O estilo eclético, caracterizado pela mistura de elementos arquitetônicos distintos, é o mais presente entre as edificações tombadas em Muqui, possuindo também algumas edificações em estilo art déco.

Os lotes na área urbana central têm como características pequenas dimensões de frente e fundos e maior dimensão no comprimento, assim, as edificações existentes normalmente foram construídas nos limites do terreno.

Para realizar o estudo das tipologias arquitetônicas locais utiliza-se como base a divisão criada por HAUTEQUESTT FILHO, 1999 *apud* GONZAGA, 2005 e HAUTEQUESTT FILHO 2011, onde evita-se ao máximo a utilização de nomenclaturas dos estilos arquitetônicos devido as alterações que ocorreram.

Tipologia 1 – Casas térreas residenciais I

Normalmente casas térreas com afastamentos laterais e algumas com pequenos afastamentos frontais. Nestes afastamentos encontram-se pequenos jardins que em alguns casos foram substituídos por garagens.

O acesso se dá por avarandados laterais e algumas edificações possuem um pequeno lance de escada.

Algumas possuem porões que podem ser utilizados ou apenas servem como afastamento do chão, a fim de evitar problemas relacionados à umidade.

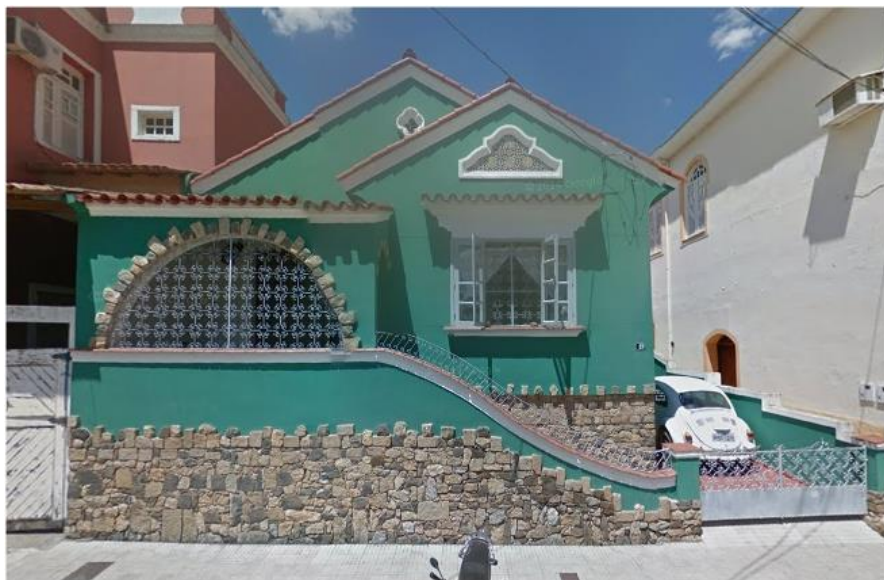


Fig. 24: Casa Léia Fragoso

Foto: Lorena Borges. Junho, 2014

Tipologia 2 – Casas térreas residenciais II

São representadas pelas edificações mais requintadas da cidade. São formadas por edificações de um pavimento,

de uso residencial. Possuem afastamentos laterais, e em um dos lados este afastamento é maior.

As plantas podem ser retangulares ou em L, sempre no limite da via pública.

O acesso é feito, na maioria das vezes, por um avarandado lateral e através de uma pequena escadaria de formas arredondadas e decorações volutas. A cobertura de alguns avarandados é feita por uma laje sustentada por colunas com capteis decorados, outras tem a cobertura feita por um pequeno telhado que recebe um forro de madeira.



Fig. 25: Casa Da Família Villela Vieira

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1538595>

Tipologia 3 – Sobrado

Também conhecidos como palacetes, estas edificações são caracterizadas por possuírem dois pavimentos, situadas normalmente no alinhamento da rua. Algumas possuem pequenos afastamentos laterais. O acesso

ao pavimento superior se dá na maioria das vezes por uma escada lateral que conduz a um avarandado.

Na maioria das vezes possuem uso residencial, no pavimento superior, e comercial, no térreo, onde antigamente era utilizado para armazenar café.



Fig. 26: Palacete Geraldo Viana

Fonte: <http://muquinews.blogspot.com.br/p/casario.html>

Tipologia 4 – Casas térreas mistas

Esta tipologia tem como característica a divisão de um mesmo edifício em comercial e residencial.

A planta é normalmente retangular, sendo possível observar a simetria da fachada.

Construída sobre o alinhamento da via pública, tendo o acesso à residência feita por uma das fachadas laterais.



Fig. 27: Casa Elias Haddad

Foto: Saulo Mateus. Junho, 2014.

Tipologia 5 – Armazéns

São caracterizados por construções de uso comercial que funcionavam como galpões ou armazéns destinados ao estoque e comercialização de café ou a pequenas indústrias.



Fig. 28: Antiga Casa da Farinha

Foto: Saulo Mateus. Junho, 2014.

Tipologia 6 – Outros

Composta por edificações mais novas ou reformadas que possuem características do período moderno brasileiro.

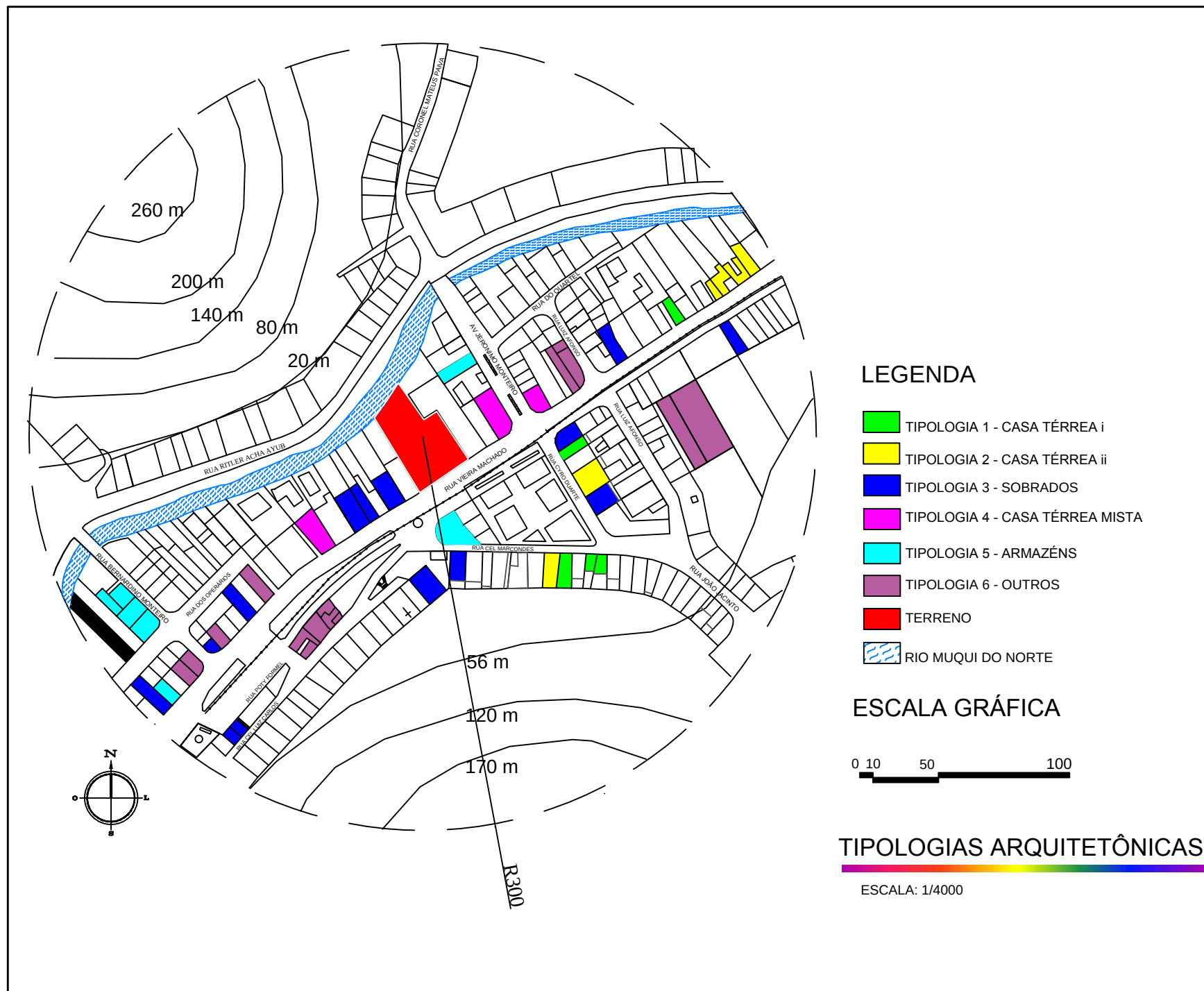
As edificações térreas passam a ser implantadas no centro do lote, com afastamentos pequenos nas laterais e frontais.

Técnicas construtivas como alvenaria estrutural dão espaço ao concreto armado e nas fachadas é possível observar o uso de elementos geométricos, em oposição aos elementos orgânicos utilizados anteriormente.



Fig. 29: Casa Família Carvalho, 1970.

Autor: Genildo C. H. Filho, 2008.



Gabarito

Analisando o entorno imediato ao terreno, observa-se que o gabarito é variável entre um e quatro pavimentos, porém a predominância na Avenida Vieira Machado é de edificações com um e dois pavimentos.



Sistema Viário

O sistema viário é favorável em relação ao terreno, pois ele está situado em local de fácil acesso por tanto para quem utiliza os meios de transporte quanto aos pedestres.

Na avenida principal passam os ônibus que fazem a linha intermunicipal ligando Muqui a Cachoeiro do Itapemirim e Mimoso do Sul. Estes ônibus também são responsáveis pelo transporte da comunidade rural para a sede.

Bem próximo ao terreno está situada a rodoviária da cidade, e também tem-se um ponto de ônibus na Avenida Vieira Machado. O ponto de taxi fica situado bem em frente à rodoviária.

Muqui não possui ciclovias, porém é grande o número de ciclistas que utilizam as ruas da cidade para se locomoverem.

Os pedestres utilizam as calçadas para a locomoção. Na cidade também não existe sinalizações de trânsito como faixas de pedestres.





Fig. 30 – Sistema Viário

Fonte: Google maps – Adaptado por Lorena Borges



Fig. 31 – Sistema Viário

Fonte: Google maps – Adaptado por Lorena Borges

Legislação

De acordo com a setorização, disponibilizada pela Resolução CEC (Conselho Estadual de Cultura) Nº 003/2012 (Fig. 32), o terreno está localizado no setor ferroviário parte baixa. Este setor possui características que lembram a morfologia fundiária colonial, com lotes irregulares limitados pelo Rio Muqui. Possui alguns bens de interesse cultural: edificações contemporâneas e/ou de baixa relevância histórica e/ou arquitetônica.

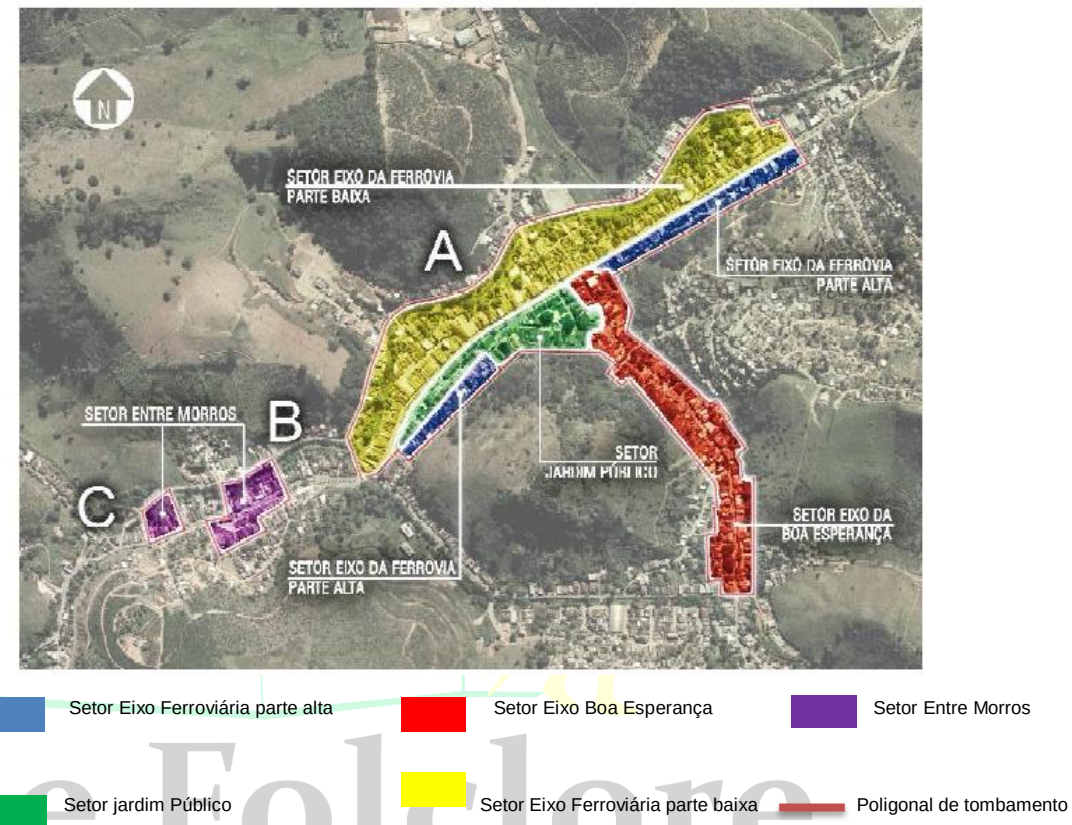


Fig. 32 – Setorização do Sítio Histórico Urbano de Muqui.

Fonte: Resolução CEC Nº 003/2012.

Para fins de novas construções neste setor, o CEC prevê algumas diretrizes a serem seguidas, e são elas:

Terraços, varandas, alpendres e marquises.

Art.56º. Não será permitida a construção de terraços, com ou sem cobertura, nos imóveis localizados nas Poligonais de Tombamento.

Parágrafo único. Não será permitida a inserção de edificações ou pavimento de edificação com trama estrutural vazada e elementos estruturais aparentes, como pilares, pilotis, vigas e outros. A respectiva área deverá ter fechamento em alvenaria, rebocada e pintada com tinta sem brilho.

Art.57º. A construção de varandas ficará condicionada a respeitar os critérios de Face de Quadra, observada a tipologia das varandas dos imóveis protegidos.

Art.58º. Não será permitida a construção de alpendres e marquises sobre o passeio público nas Poligonais de Tombamento.

Art.59º. Ficam definidos os seguintes critérios para as fachadas das edificações nas Poligonais de Tombamento, objetivando a manutenção da leitura urbana e da tipologia arquitetônica:

II – A composição das fachadas nas novas construções deverá obedecer as particularidades dos imóveis do entorno como: o ritmo constante de distâncias entre os

vãos, a simetria e as proporções entre os elementos, a altura das coberturas, a constância na combinação de certos elementos, a simetria na sua composição e as proporções entre as diferentes medidas da fachada;

III - É vedado o revestimento, acabamento e ornamentação das fachadas, frontal, laterais e de fundos, com materiais reflexivos, tais como, panos de vidro, alumínio, aço inox e similares, nas suas diferentes composições industriais, assim, como a aplicação de película reflexiva ou a construção de revestimentos anti-reflexo;

IV – As fachadas voltadas para o Rio Muqui deverão receber a mesma importância das fachadas voltadas para o logradouro, devendo receber tratamento estético e estilístico qualitativo em harmonia com o Sítio Histórico de Muqui

Art.60º. A utilização de cores nas fachadas das edificações deve objetivar a manutenção da leitura urbana e da tipologia arquitetônica e estilística, e estará condicionada aos seguintes critérios:

II – Não será permitido o uso de cores fortes e/ou vibrantes em qualquer porção das fachadas dos imóveis, seja de interesse de preservação ou não;

d) As fachadas das edificações novas deverão receber, obrigatoriamente, pintura sem brilho não sendo permitido o uso de acabamentos brilhantes de tintas, vernizes, esmaltes ou outros, bem como a imitação de pedras, tijolos ou de qualquer outro revestimento por meio de pintura;

Fachadas

Esquadrias

Art.62º. O material e o revestimento das esquadrias das edificações nas Poligonais de Tombamento, deverão se enquadrar em uma das categorias:

II – As esquadrias das edificações novas deverão ser, preferencialmente, em madeira, devendo ser justificado a utilização de outro material, o qual deverá ser compatível com a linguagem estética dos imóveis protegidos por esta Resolução.

III – Fica vedado o uso de panos de vidro do tipo “pele de vidro”, com ou sem montantes, em qualquer imóvel dentro das Poligonais de Tombamento;

IV – O uso de gradil de proteção deverá ser em ferro ou aço galvanizado pintado, sendo proibida a sua instalação em imóveis históricos de interesse de preservação quando implicar na mutilação de qualquer parte ou elemento arquitetônico, sendo recomendado, sempre que possível, a instalação dentro da caixa do vão a ser protegido;

V – A proporção, as dimensões e a tipologia das esquadrias das novas construções deverão respeitar aquelas das edificações históricas da Face da Quadra;

conforme padrão estético-estilístico do conjunto e/ou da edificação.

§1º. Os muros em pedra ou alvenaria terão altura máxima de 1,20m, podendo ser complementado até a altura de 2,0m com gradil de ferro, salvo em caso de muros de contenção, com finalidade estritamente estrutural, previamente projetado por profissional habilitado pelo CREA e aprovados pela Secult/CEC.

§2º. O uso de muros frontais estará condicionado ao critério de avaliação por Face de Quadra.

Quanto ao controle urbanístico, a resolução CEC prevê em uma tabela (ver anexo 1) todos os afastamentos necessários para a não descaracterização do sítio histórico de Muqui.

Muros e gradis

Art.63º. Nas Poligonais de Tombamento só poderão ser utilizados, para fechamento dos lotes, muros em pedra seca e/ ou em alvenaria e/ou gradil de ferro, revestidos de argamassa e pintados em cores

NT(Norma Técnica) – 10 Saídas de emergência.

Para fins de adequar o projeto quanto às normas de combate e prevenção a incêndio foi utilizada a Norma Técnica 10/2013 do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo que trata das de emergência em edifícios. Esta norma garante das condições necessárias que uma edificação deve possuir que em caso de incêndio a população do edifício possa sair em segurança do local e também prevê o fácil acesso dos bombeiros para o combate ao fogo e retirada da população. Para atingir estes objetivos devem-se projetar as saídas comuns da edificação para que possam servir como saídas de emergência ou saídas de emergência, quando exigidas (NT - 10).

NBR 9050/2004 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos

Para a adequação do projeto em relação à acessibilidade foi utilizada a NBR 9050/2004. Esta norma garante o acesso de pessoas portadoras de necessidades especiais, permanentes ou temporárias, ao edifício.



Centro de
Cultura e Folclore

Manifestações culturais locais

Carnaval

O carnaval em Muqui sempre foi caracterizado pelos desfiles pela rua principal da cidade, Avenida Vieira Machado. Inicialmente era brincado através de blocos, ranchos, corsos e escolas de samba.

Os primeiros registros que se tem a respeito do carnaval são de 1905 a 1912, onde, segundo Machado (2012) foi o Cap. Felipe Pereira de Castro um dos primeiros idealizadores desta festa, começando pelas Cavalhadas, festa folclórica típica da época. Para o carnaval, Cap. Felipe importava de Campos dos Goytacazes carros alegóricos para remodelá-los e utilizá-los nos corsos, que consistia no desfile de carros enfeitados que buscava reproduzir a batalhas de flores, característico dos carnavais das elites da época, baseado nos carnavais europeus.

Mais tarde, em 1915, foi criada em 24 de fevereiro a associação carnavalesca “Menores Muquiense” com a

denominação Grupo Infantil e em 2 de março, foi fundado o “Club Carnavalesco Vencedores” (RAMBALDUCCI, 2013). Os primeiros registros fotográficos do carnaval datam da década de 1920, de acordo com Machado (2012) um dos blocos mais famosos era o “Fazendo Inferno” (Fig. 33), presidido por Catília Rizzo Costa e um bloco composto só por homens, “Os Credores que Esperem” (Fig. 34).



Fig. 33 – Bloco Fazendo Inferno, década de 1920

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=160



Fig. 34 – Bloco Os Credores que Esperem, década de 1920

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=160

O Boi Pintadinho ou Boi Malhado

Atualmente, o carnaval em Muqui acontece com o desfile dos Bois Pintadinhos que percorrem a avenida principal, denominada no período do carnaval de Corredor da Boiada.

É possível observar festas folclóricas envolvendo a figura do boi em várias regiões do Brasil. Estudiosos acreditam que este evento tem origem no cristianismo, e que geralmente está associada ao festejo a algum santo (CARNAVAL DO BOI, online).

Em Muqui, acredita-se que o festejo do boi teve origem na festa de São João Batista, comemorada no mês de junho, já que este é o santo padroeiro da cidade, provavelmente no ano de 1940, e só foi levada para o carnaval trinta anos depois, quando foi criado o “Boi do Bijoca”, em 1970 (CARNAVAL DO BOI, online).

Segundo Machado, o povo desfilava atrás do boi cantando o refrão:

“O boi malhado quando sai na rua, olhando lá
pra lua

Quem nunca viu, vem ver, vem ver,

O boi malhado brinca com você”

E na volta, o refrão mudava:

“Adeus, adeus, dona Aurora,

Adeus, adeus, dona Aurora,

Porque o malhado já vai embora”

O carnaval do boi possui características especiais que atraem a curiosidade dos turistas. Os grupos surgem representando seus bairros, ruas ou fazendas. O boi é confeccionado muitas vezes por pessoas que não possuem riquezas, mas que fazem questão de manter viva na cidade a tradição do carnaval e a cultura, que atrai sempre muitos visitantes.

O boi é composto de uma armação de madeira e ferro coberta com um tecido colorido que a cada ano cada grupo escolhe qual será o motivo que estampará o boi. A cabeça é feita com o crânio de boi e quando não é possível, faz-se com papelão. Uma pessoa é responsável por levar o boi pelas

ruas, entrando debaixo dele e promovendo a brincadeira. À sua frente a/o espadeira (o) tem a responsabilidade de guiar o boi para que ele não faça movimentos que possam machucar os foliões (Fig. 35).



Fig. 35 – Boi do Bijoca, carnaval 2012.

Fonte: <http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>

Atrás do boi, um grupo de bateria faz a trilha sonora de cada boi. Com batidas características de cada grupo, trazem alegria e divertem os foliões.

O boi tem de 40 à 50 minutos para passar pelo Corredor da Boiada, neste tempo ele desfila fazendo movimentos de dança, rodopios e um dos movimentos mais famosos é quando o boi para e abaixa no chão simulando a sua morte. Neste momento a bateria diminui o ritmo da batida e os foliões se reúnem em volta dele e gritão: “*E o boi morreu, e o boi morreu*”, até que o boi começa a levantar levemente ao som crescente da bateria, e recomeça toda a brincadeira. Neste embalo ele passa por toda avenida, sem pontos de paradas pré-definidas, fazendo-a de acordo com a necessidade de cada grupo e os foliões que os acompanham.

Muitos são os grupos que se apresentam no período do Carnaval pelo Corredor da Boiada, dentre eles alguns possuem destaque especial por sua história, como o “Boi Fortunato Pé Queimado” ou somente “Boi Fortunato”. Este grupo foi um dos primeiros a aderir a figura do boi para

brincar o carnaval. Surgiu da década de 1970 quando os moradores da Rua Fortunato Fraga, no Bairro São Pedro resolveram criar um boi que os representassem nos dias de carnaval (Fig. 36).



Fig. 36 – Boi Fortunato, carnaval 2012.

Fonte: <http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>

Nesta época também surgiu o “Boi do Fulô”. Segundo Machado, anos mais tarde a família deu continuidade à tradição, porém com um novo boi, batizado “Boi Chapado” (Fig. 37).



Fig. 37 – Boi Chapado, carnaval 2012.

Fonte: <http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>

O boi “Ás de Ouro” tem origem nos antigos carnavais de rancho (Fig. 38). Representando a comunidade de Camará, distrito de Muqui. Esse boi sempre faz a alegria de quem participa do carnaval. Sua batida é irreverente e animada e a organização do grupo é uma característica marcante.



Fig. 38 – Rancho Ás de Ouro, Camará

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp?id=160

Além do próprio Boi Ás de Ouro (Fig. 39), o grupo conta com o Jaguará, figura do folclore brasileiro que é um tipo de boneco com a cabeça de um cavalo (CARNAVAL DO BOI, online).



Fig. 39 – Boi Ás de Ouro, carnaval 2012.

Fonte: <http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>

Atualmente novos bois surgem, sempre buscando inovar alguma característica. Neste contexto, surgiu a “Vaca Mocha” (Fig. 40), caracterizada por se tratar de um grupo formado só por mulheres, onde todas se vestem de rosa-choque, inclusive a própria vaca (CARNAVAL DO BOI, online). Este grupo é um dos mais elitizados do carnaval. Representa o Centro da cidade e possui marchinha própria:

Marcha vaca mocha

Quando ela passa, faceira,

Contagiando a rua inteira,

Venha cair na folia, a vaca mocha é só alegria

Venha cair na folia, a vaca mocha é só alegria



Fig. 40 – Vaca Mocha, carnaval 2014.

Fonte: Arquivo pessoal

O Boi “Cyclone” (Fig. 41) é outro grupo que merece destaque. Foi criado em 2002 e é formado por participantes

jovens do bairro San Domingos. Este boi trás a animação das batidas de sua bateria em ritmo de funk e apesar de ter pouco tempo, se comparando aos outros, este boi já arrasta multidões atrás dele e é um dos bois mais aguardados do carnaval muquiense.

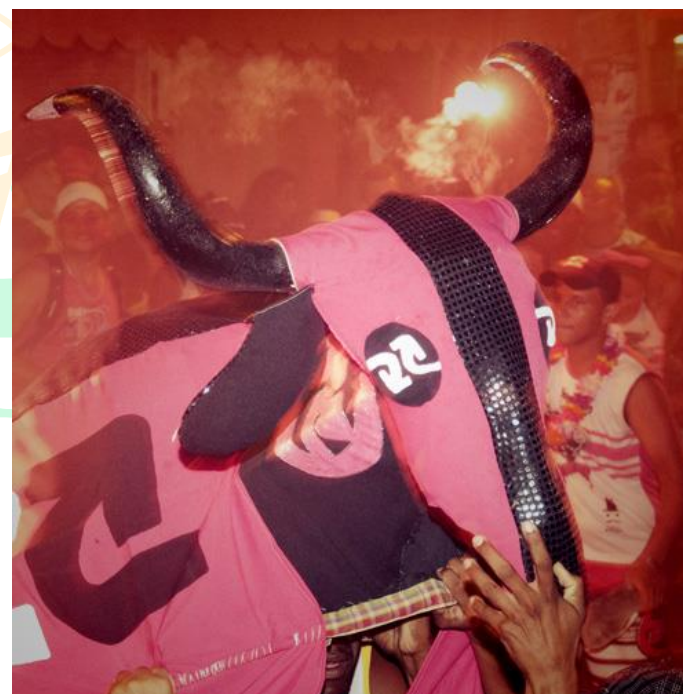
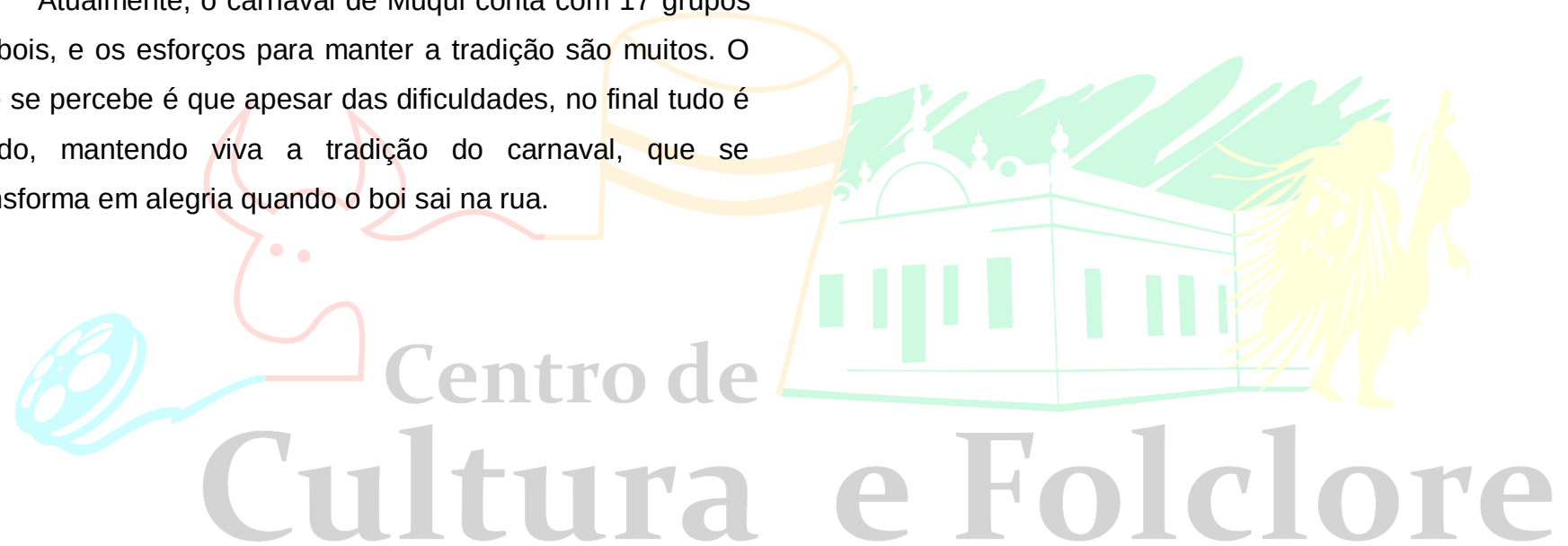


Fig. 41– Boi Cyclone, carnaval 2013.

Fonte: <http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>

Acima de tudo, esse é um grupo que representa não uma ruptura da tradição, mas a capacidade de compreender o seu tempo e assimilar outras formas de se enxergar e fazer cultura popular (CARNAVAL DO BOI, online).

Atualmente, o carnaval de Muqui conta com 17 grupos de bois, e os esforços para manter a tradição são muitos. O que se percebe é que apesar das dificuldades, no final tudo é válido, mantendo viva a tradição do carnaval, que se transforma em alegria quando o boi sai na rua.



Folia de Reis

No documentário “Folia de Reis: costumes, crença e tradição” (EULER LUZ TELEPRODUÇÕES E FERNANDA DE PAULA, online), o autor fala sobre a folia de reis como representante da manifestação cultural mais autêntica da espiritualidade cristã. A manifestação iniciou-se na Península Ibérica por volta do séc. XVI, onde em Portugal e Espanha, os poetas cantadores da idade média, homenageavam os santos reis com tambores, gaitas, pandeiros, etc (EULER LUZ TELEPRODUÇÕES E FERNANDA DE PAULA, online).

No Brasil, a Folia de Reis iniciou-se em meados do séc. XVI, por volta do ano de 1534, trazida pelos portugueses sendo utilizado como instrumento de catequese pelos jesuítas. Os aspectos da manifestação variaram de região para região, guardando as em essência os valores religiosos que lhe deram origem (EULER LUZ TELEPRODUÇÕES E FERNANDA DE PAULA, online).

O festejo das Foliás de Reis está ligado ao catolicismo e em alguns lugares acontece no período de 24 de dezembro

a 6 de janeiro, dia de Santos Reis, quando se encerram os festejos natalinos. Tornou-se popular durante o século XIX em locais onde a produção cafeeira prosperava, como em cidades do interior de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, entre outras (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, online).

Em Muqui, acredita-se que este costume foi trazido pelos imigrantes portugueses ou pelos colonizadores (MACHADO, 2012).

De acordo com Cirillo (online), as companhias, nomeado aos grupos de Folia de Reis, normalmente se organizam em grupos de onze pessoas, onde uma é o Mestre da Folia, um tipo de líder espiritual, dois Palhaços, que representam Herodes e os soldados que perseguiram o Menino Jesus e os tocadores que seguem tocando seus instrumentos (Fig. 42).



Fig. 42– 63º encontro nacional de Folia de Reis/ Muqui – 2013. Foto: Romero Mendonça/Secom-ES

Fonte: <http://www.es.gov.br/Noticias/164241/encontro-nacional-de-folias-de-reis-deixou-muqui-mais-colorida.htm>

Durante os festejos do Natal as companhias saem cantando pelas ruas e param nas casas que as convidam para cantar os versos, que buscam relembrar a visita dos Reis Magos a Jesus. A jornada das folias se inicia com uma oração, logo após, os foliões vão até a Igreja, para uma

bênção. Acompanhados de seus instrumentos, como o violão, pandeiro e outros levam a boa nova por onde passam e ao final da jornada pedem aos moradores das casas que ofereçam dinheiro a eles. De acordo com o Inventário de Ofertas Turísticas de Muqui, este dinheiro é utilizado para a festa do arremate que acontece sempre após o dia 20 de janeiro.

A Folia de Reis possui muitos simbolismos em seus elementos, a bandeira de Santos Reis é um dos principais (Fig. 43). Ela representa o manto de Maria ofertado aos reis magos. Ela é levada a frente da folia pelo bandeireiro e ninguém passa a sua frente sem reverenciá-la. Nela contém imagens dos Reis Magos e santos de devoção dos foliões.



Fig. 43– Bandeiras de Santos Reis

Fonte: <http://cecpdesaojose.blogspot.com.br/2013/01/museu-do-folclore-recebe-folias-de-reis.html>

De acordo com o documentário “Folia de Reis: costumes, crença e tradição” (EULER LUZ TELEPRODUÇÕES E FERNANDA DE PAULA, online), são possíveis observar também na bandeira de Santos Reis que as cores e flores contidas nela representam a alegria de

anunciar o nascimento de Cristo. As fitas penduradas também possuem uma simbologia para cada cor, sendo elas:

Branco: Representa São José

Azul: A virgem Maria

Vermelho: Rei Baltazar, que levou de presente o incenso;

Verde: Rei Gaspar, que ofertou a mirra;

Amarelo: Rei Belchior, que ofertou o ouro.

As roupas utilizadas pelos foliões são geralmente de cores variadas, principalmente as que contêm na bandeira de Santos Reis. Eles vestem calças e camisas de cetim, o chapéu muitas vezes é confeccionado por eles mesmos e utilizam espelhos para decorá-lo (Fig. 44). Os palhaços normalmente usam roupas coloridas feitas de chitão ou outro tecido (Fig. 45) (INVENTÁRIO DE OFERTAS TURÍSTICAS DE MUQUI, 2005).



Fig. 44– Chapéus decorados. 63º Encontro Nacional de Folia de Reis/ Muqui – 2013. Foto: Bruno Lima

Fonte: <http://www.guiacuca.com.br/evento/encontro-nacional-de-folia-de-reis-de-muqui-2013>



Fig. 45– Palhaços. 63º encontro nacional de Folia de Reis/ Muqui – 2013. Foto: Romero Mendonça/Secom-ES

Fonte: <http://www.es.gov.br/Noticias/164241/encontro-nacional-de-folias-de-reis-deixou-muqui-mais-colorida.htm>

Centro de Cultura e Folclore

Em 1950, o então prefeito Dr. Dirceu Cardoso, demonstrando seu grande apreço pela Folia de Reis, assinou na cidade a lei que decretava Dia de Reis, seis de janeiro, feriado na cidade, e marcou em Muqui o primeiro Torneio de

Folias. Não se tem registros de como ocorreram estes torneios, sabe-se que nos dois primeiros anos a participação foi somente de Folias locais, sendo realizado em 1952 um torneio maior, com mais premiações e mais organizado, o que atraiu Folias de várias regiões (CIRILLO, online).

A partir do ano de 1999 o Torneio de Folias passou a se chamar Encontro nacional de Folias de Reis e em 2001 ele perdeu o caráter competitivo que tinha no início.

Os encontros acontecem anualmente e reúnem folias de estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, de outras cidades do Espírito Santo e as folias de Muqui.

Os foliões começam a chegar à cidade logo cedo, e às oito horas da manhã acontece a acolhida com café da manhã e o cadastramento das folias, que normalmente é feita no ginásio da escola Marcondes de Souza, localizada no centro da cidade. Posteriormente acontece a abertura oficial do evento no mesmo lugar, seguida da assembleia dos foliões. Na parte da tarde acontece a reunião dos mestres das Folias, realizada no Centro Cívico Municipal, situado em frente ao

Jardim Público. Às três horas da tarde os foliões saem em marcha para apresentação pelas ruas do sítio histórico (Fig. 46), onde são apreciados por turistas e moradores. Nesta apresentação não fazem muitas paradas, pois às quatro horas da tarde já se inicia a marcha para a manjedoura, nome dado para as visitas nas casas programadas para receber as folias. Nestas casas os foliões se apresentam e lhes é oferecido um lanche pelos moradores. Às cinco horas da tarde acontece na Igreja Matriz de Muqui a benção das folias (Fig. 47), nesta ocasião, somente os mestres e tocadores entram na igreja, os palhaços aguardam do lado de fora. Após a missa é feito o encerramento do evento na Praça Geraldo Viana, onde recebem os agradecimentos, premiações, etc (RAIZ CULTURA DO BRASIL, Online).



Fig. 46— Marcha das Folias. 63º Encontro Nacional de Folia de Reis/ Muqui – 2013. Foto: Romero Mendonça/Secom-ES

Fonte: <http://www.es.gov.br/Noticias/164241/encontro-nacional-de-folias-de-reis-deixou-muqui-mais-colorida.htm>





Fig. 47– Benção das Folias. 61º encontro nacional de Folias de Reis/
Muqui – 2011. Foto: Gilson Borba

Fonte: <http://www.soues.com.br/plus/modulos/estabelecimento/index.php?cdgrupo=14&cdmunicipio=1942&cdbairro=>

Segundo Machado, Muqui possui atualmente dez Folias de Reis, e são elas:

Folia de Reis “Três Reis do Oriente” – Localidade de santa Rita

Folia de Reis “Estrela Gloriosa” – Localidade de São Luiz

Folia de Reis “Estrela do Oriente” – Localidade do Desengano

Folia de Reis “Estrela do Norte” – Localidade do Sumidouro

Folia de Reis “Sete Estrelas” – Localidade de São Francisco

Folia de Reis “Estrela da Manhã” – Localidade do Tororó

Folia de Reis “Estrela Guia do Martir São Sebastião” – Sede

Folia de Reis “Estrela D’Alva” – Sede

Folia de Reis “Cruzeiro do sul” – Sede

Folia de Reis “Cruzeiro do sul” – Sede

De acordo com o Inventário de Ofertas Turísticas de Muqui (2005), os encontros de folias favoreceram muito para a manutenção desta manifestação cultural, haja vista que muitos grupos de folias que estavam extintos voltaram à ativa impulsionada por este evento, além do interesse de crianças e adolescentes ter aumentado, gerando maior perspectiva de continuação deste folgado de geração para geração (Fig. 48).



Fig. 48– 61º encontro nacional de Falias de Reis/ Muqui – 2011.

Fonte: http://www.secult.es.gov.br/?id=/noticias/materia.php&cd_matia=3236

Associação de afrodescendentes de Muqui

Formada pela família Rosa, a associação surgiu da necessidade de contribuir para a preservação da história de Muqui e da própria família.

A família Rosa é descendente de escravos da Fazenda Santa Rosa, que hoje se localiza no município vizinho, Atílio Vivácqua.

De acordo com Mota (2013) Dolores Rosa veio aos 16 anos para Muqui, com seu filho José Rosa que mais tarde casou-se com Benedicta Barbosa Ramos Rosa. A família Rosa foi alforriada em 1885, porém, mesmo com o fim da escravidão Benedicta trabalhava como escrava para a “Sinha” e anos mais tarde decidiu fugir (MOTA, 2013).

Gostava de ser chamada de “mãezinha velha caxambuzeira” e reunia sempre a família para contar histórias e cantar o jongo (MOTA, 2013) (Fig.49), manifesto que envolve canto, dança e percussão de tambores (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, online), tocar o

caxambu, uma espécie de tambor utilizado para tocar o jongo. Gostava também de servir pratos que servia para a “Sinhá”.



Fig. 49 – Jongo

Fonte: <http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/folclore.aspx>

Segundo Mota (2013), mãezinha fundou, junto com seu marido, a Escola Rancho Tradição, e começou a festa do caxambú e do jongo no dia da festa do bairro São Pedro.

A família Rosa é responsável não só pela preservação de documentos, como cartas de alforria e documentos de doações de terras, mas também pela preservação de histórias da família, cantos de jongo, caxambu e jaguará. Também são responsáveis pelas manifestações religiosas na casa Ile Ache Oba Ayra Loni, onde acontecem encontros de candomblé e umbanda (Fig. 50), e pela escola de samba Rancho Tradição (Fig. 51), que leva para o Corredor da Boiada a história do negro em Muqui.

Mesmo com a riqueza cultural material e imaterial envolvendo a família Rosa, por falta de incentivos econômicos a cultura negra está em decadência no município. As manifestações pouco acontecem. No último ano, por falta de recursos, a escola de samba Rancho Tradição não conseguiu sair nas ruas durante o carnaval. A manifestação do jongo e caxambú também não acontecem mais com tanta frequência, ficando somente o candomblé como elemento ativo na cultura da família Rosa.



Fig. 50: Imagem representativa. Terreiro de Umbanda

Fonte: www.terreirodeumbanda.com



Fig. 51: Bloco Tradição. Carnaval 2012.

Fonte: http://www.camaramuqui.es.gov.br/galeria_fotos_exibe.asp?id_grupo_foto=58#25

Grupo Cultural Etc

Este grupo se define como um coletivo de jovens que visam preservar e divulgar o patrimônio histórico de Muqui através de oficinas produzidas por eles mesmos, onde desenvolvem projetos e ações culturais voltadas para a cidade (Fig. 52).

O grupo surgiu em 2007 com práticas audiovisuais utilizando os poucos recursos tecnológicos que possuíam. Neste ano num ato de ousadia criaram um projeto de longa metragem utilizando a cidade como cenário, amigos e vizinhos como atores, uma câmera fotográfica digital e um computador como instrumentos de trabalho. Já que a maioria dos jovens ainda estava no ensino médio, este projeto foi concluído durante as férias escolares e teve o nome de “Floresta Encantada”. Esta ação foi o início das práticas audiovisuais na cidade.

Este grupo também é responsável pelo surgimento de eventos que hoje fazem parte do calendário da cidade, como o FECIN, Festival de TV e Cinema do Interior, o Muqui na

passarela, evento de moda envolvendo a cultura local e o grupo teatral Conosco Flui.



Fig. 52 - Grupo Cultural Etc

Fonte: <http://etccultural.blogspot.com.br/search?updated-min=2011-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2012-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>

Fecin - Festival de TV e Cinema do Interior

Em 2012 aconteceu a primeira edição do FECIM, Festival de TV e Cinema Independente de Muqui.

Idealizado por jovens da cidade, o evento busca envolver a cidade em um ambiente cinematográfico, com o objetivo de tornar o Sítio Histórico de Muqui um novo pólo de referência nesta área (Fig. 53).



Fig. 53 – Jovens grupo ETC para a produção do FECIN.

Fonte: <https://www.facebook.com/multipliqui/photos/a.757265734298939.1073741828.757253064300206/822241997801312/?type=1&theater>

O evento inclui oficinas de poesia, literatura, apresentações para crianças, apresentação de curtas e longas metragens e shows na praça da cidade, atraindo todo tipo de público, tornando o evento uma ação cultural de importância na região (Fig. 54).



Fig. 54 – Mesa redonda Fecim 2012

Fonte: <http://portalyah.com/members/grupoculturaetc/>

Para concorrer com vídeos, basta enviá-los com antecedência a equipe do FECIN. Os vídeos são exibidos durante o evento e ao final é realizada a cerimônia para a premiação dos melhores (Fig. 55).

Neste ano o evento mudou o nome de FECIM para FECIN - Festival de TV e Cinema do Interior, a fim de tornar mais abrangente o evento.



Fig. 55 – Premiação, FECIM 2013.

Fonte: http://www.muquiefoco.com/2013_09_01_archive.html

Muqui na passarela

Idealizado pelo jovem Wander Polati, morador de Muqui. Este projeto tem por objetivo realizar uma coleção e um desfile de moda na cidade de Muqui, baseado na história, no patrimônio e nas manifestações folclóricas, artísticas e culturais da cidade (MUQUI NA PASSARELA, online).

Wander produz desenhos relacionados à moda desde sua infância e com este projeto pôde aplicar um conceito moderno e dinâmico às manifestações culturais da cidade além de ser uma forma de prestigiar a juventude local oferecendo oportunidade de atuar nesta área (Fig. 56).



Fig. 56 – Modelo desenhado por Wander Polati. Muqui na passarela, 2012.

Fonte: <http://auroradecinema.wordpress.com/2014/02/18/multipliqui-faz-grande-festa-cultural-em-muqui/>

A primeira edição do evento ocorreu em 2012 e contou com a participação da modelo internacional Marcelia Freesz, que é natural de Muqui, e da ex-modelo nacional Bia Furtado que também é da cidade. Nesta ocasião, segundo Wander, os modelos produzidos inspirados no patrimônio histórico da cidade.



Fig. 57 – Muqui na passarela, 2012.

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.691123137573739.1073741829.687921771227209&type=1>

Este ano aconteceu a segunda edição do projeto, realizado no Jardim Público Municipal, utilizando os casarios em volta como cenário para o desfile.

De acordo com o autor, esta coleção foi apresentada com menos traços carnavalescos, apesar de estes estarem presentes no dia a dia da comunidade na história dos bois, cultivo do café, etc.(Fig. 58).



Fig. 58– Muqui na passarela, 2014. Foto:Olavo Macedo, Lente em poesia.

Fonte: <https://www.facebook.com/muqui.napassarela?fref=photo&sk=photos>

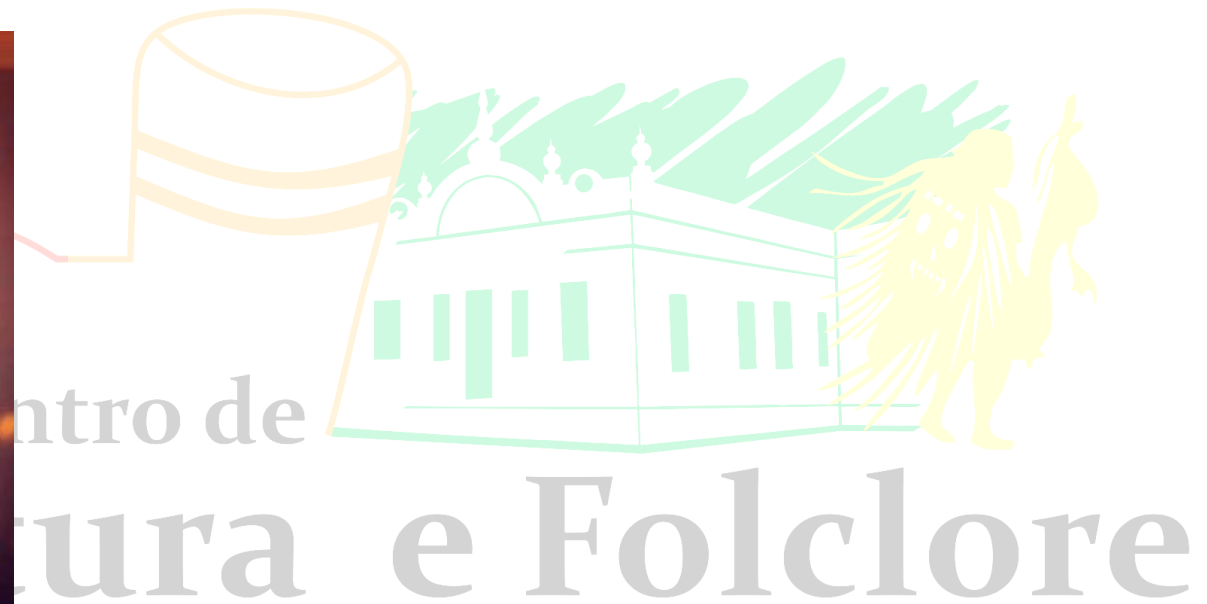
As roupas produzidas não tem finalidade comercial. São confeccionadas através de trabalho artesanal, adquirindo um caráter alegórico, podendo vir a ser motivo de mostras e exposições, tornando-se assim verdadeiras obras de arte (Fig. 59).

Este projeto representa a não ruptura, atualização e modernização da cultura muquiense, mostrando que é possível envolver a cultura e arte local em diferentes ações e manifestações.



Fig. 59 – Muqui na passarela, 2014. Foto:Olavo Macedo, Lente em poesia.

Fonte:<https://www.facebook.com/muqui.napassarela?fref=photo&sk=photos>



Logomarca – Centro de Cultura e Folclore

A logomarca do projeto foi idealizada a partir da junção dos aspectos topográficos (Fig. 60) em que a cidade está inserida, manifestações folclóricas/culturais e arquitetura da mesma.



Fig. 60 – Vista aérea de Muqui, ES.

Fonte: <http://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/elogoali/2013/11/25/bem-vindo-a-muqui-ciscuito-turistico-da-morubia/>

A ideia era de criar uma skyline utilizando os elementos que estão presentes no cotidiano da população local (Fig. 61).



Fig. 61 – Logomarca.

Conceito: Lorena Borges. Criação: João Fernando Bertassoni

Referencias projetuais

✓ Biblioteca Infantil e Centro Cultural

Ficha técnica

Arquitetos: Anagrama

Localização: Monterrey, Nuevo Leon, México

Ano: 2013



Fig. 62 – Biblioteca infantil

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-143568/biblioteca-infantil-e-centro-cultural-por-conarte-anagrama/5236abb5e8e44eef790000b6>

O projeto está situado na cidade de Monterrey que é conhecida por suas montanhas e a representatividade industrial. O parque Fundidora é um exemplo da arquitetura industrial, construído no ano de 1900 ele abriga jardins,

auditórios, parques temáticos e espaços culturais como o Conarte (Conselho para a Cultura e Artes de Nuevo León).

A biblioteca infantil e centro cultural foram feitos dentro de um armazém que é patrimônio tombado do Estado.



Fig. 63 – Auditório

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-143568/biblioteca-infantil-e-centro-cultural-por-conarte-anagrama/5236abb5e8e44eef790000b6>

O projeto conta com uma plataforma de leitura multiuso e assimétrica que simula a topografia local, gerando um

espaço dinâmico para brincadeiras e aprendizado. (ARCHDAILY, online)



Fig. 64 – Biblioteca infantil

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-143568/biblioteca-infantil-e-centro-cultural-por-conarte-anagrama/5236abb5e8e44eef790000b6>



Fig. 65 – Auditório

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-143568/biblioteca-infantil-e-centro-cultural-por-conarte-anagrama/5236abb5e8e44eef790000b6>

Centro de Cultura e Folclore

- ✓ **Proposta Vencedora para o Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste**

Ficha técnica

Arquitetos: Tongji Architectural Design and Research Institute

Localização: Kunming, China

Ano: 2013



Fig. 66 – Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-137956/proposta-vencedora-para-o-centro-de-arte-e-cultura-etnica-internacional-do-sudoeste-tongji-architectural-design-and-research-institute>

Os escritórios Tongji Architectural Design e Research Institute foram os vencedores do concurso para o Centro de

Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste, localizado em Kunming, China.



Fig. 67 – Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-137956/proposta-vencedora-para-o-centro-de-arte-e-cultura-etnica-internacional-do-sudoeste-tongji-architectural-design-and-research-institute>

O edifício foi pensado utilizando os limites do terreno e tendo o interior dividido em quatro partes arredondadas onde

os seguimentos podem funcionar individualmente, porém interligados com passarelas.

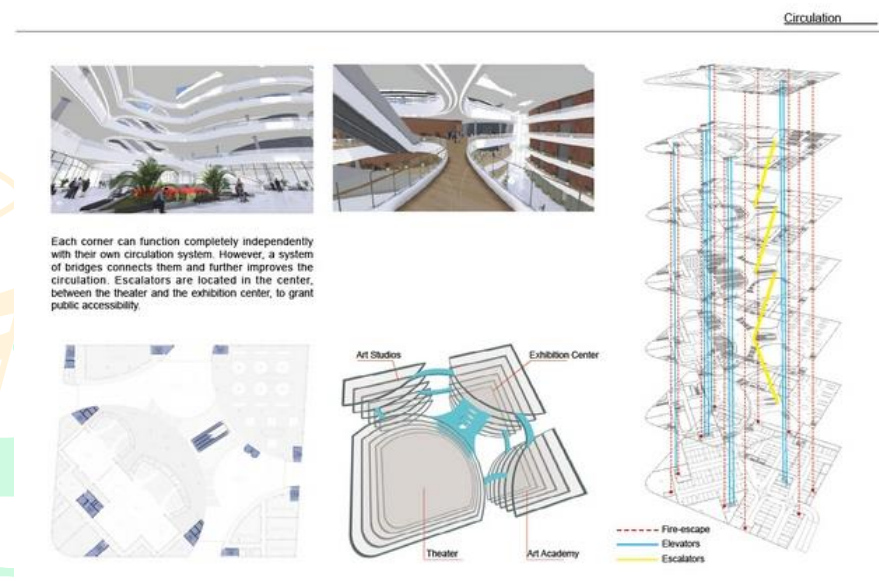


Fig. 68 – Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-137956/proposta-vencedora-para-o-centro-de-arte-e-cultura-etnica-internacional-do-sudoeste-tongji-architectural-design-and-research-institute>

As culturas foram colocadas de forma abstrata nas fachadas, que são compostas de painéis metálicos, que

protegem o edifício e criam uma comunicação do interior com o exterior.

O subsolo contém o pavimento técnico e um estacionamento. O primeiro andar do edifício é aberto ao público e abriga a cultura nacional e exposições de arte, espaços de proteção do patrimônio e uma lanchonete. O prédio é dividido em quatro partes: o centro de exposições ao norte, a academia de arte a leste, o teatro ao sul e os estúdios de arte a oeste.

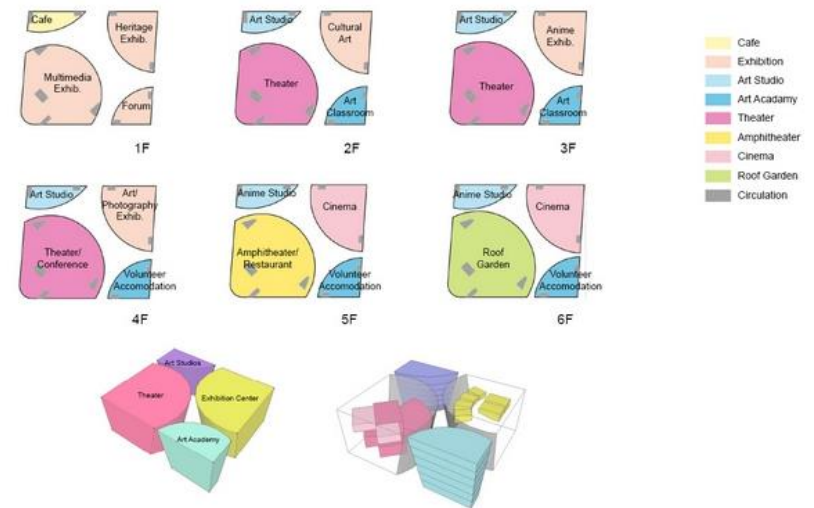
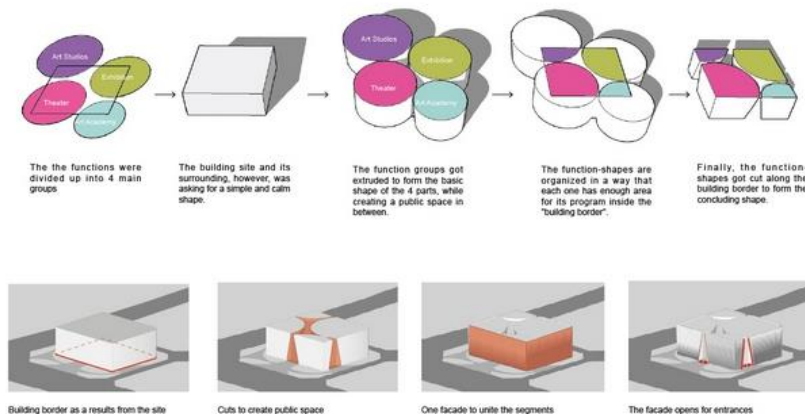


Fig. 69 – Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-137956/proposta-vencedora-para-o-centro-de-arte-e-cultura-etnica-internacional-do-sudoeste-tongji-architectural-design-and-research-institute>



✓ **Centro Cultural Cais do Sertão**

Ficha técnica

Arquitetos: Brasil Arquitetura

Local: Recife, PE

Ano: 2010

Concebido juntamente com a curadoria, realizada por Isa Grinspum Ferraz, Helena Tassara e Marcelo Macca, o projeto ficara na zona portuária do Recife Antigo.



Fig. 70 - Centro Cultural Cais do Sertão

Fonte: <http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-recife-05-04-2011>

O projeto dialogará com o único bem tombado do entorno, a torre Malakoff. A ideia era ocupar um galpão existente e construir outro volume ao lado, porém decidiu-se erguer outro edifício no lugar onde será demolido o galpão e utilizando elementos do antigo.

O projeto cria uma relação direta com o bem tombado ao abrir um vão ao nível do pedestre conectando o prédio novo ao antigo.



Fig. 71 - Centro Cultural Cais do Sertão

Fonte: <http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-recife-05-04-2011>

No térreo, rio São Francisco indica o caminho, levando o visitante a diversas experiências relacionadas ao sertão. Um mezanino indica o fim do percurso, nele contem um estúdio que pode ser usado para gravações de musicas de Gonzaga.



Fig. 72 - Centro Cultural Cais do Sertão

Fonte: <http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-recife-05-04-2011>

O edifício possui ainda biblioteca e discoteca multimídia, espaço para exposições temporárias, auditório, oficinas, salas de múltiplo uso e restaurante na cobertura.

O fechamento do prédio é feito com elementos vazados de concreto, que tem o objetivo de proteger e criar efeitos internos de acordo com a luz solar.



Fig. 73 - Centro Cultural Cais do Sertão

Fonte: <http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-recife-05-04-2011>

✓ **Centro Cultural de Eventos e Exposições de Cabo Frio - Menção Honrosa**

Ficha técnica

Arquiteta: Luciana Dornellas Pio Magalhães

Local: Cabo Frio, RJ, Brasil.

Ano: 2014



Fig. 74 - Centro Cultural de eventos e exposições de cabo Frio

Fonte: <http://www.iab.org.br/projetos/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-mencao-honrosa>

Formado por dois edifícios, que se conectam por um corpo articulador, o Centro Cultural e de Eventos de Cabo Frio foi projetado o intuito de promover a aproximação entre as margens do terreno – tecido urbano e Laguna – criando assim novos enquadramentos da paisagem gerando praças e pátios, em uma distribuição dinâmica do programa e dos usos.



Fig. 75 – Centro Cultural de eventos e exposições de cabo Frio

Fonte: <http://www.iab.org.br/projetos/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-mencao-honrosa>

No edifício Noroeste foi instalado o foyer receptivo e o centro de feiras, ambos com pés direitos generosos e que possibilitam os mais variados eventos.

No edifício Sudeste, o restaurante panorâmico, a comedoria, as salas multiuso e as salas de apoio são a companhia do amplo teatro e auditório.



Fig. 76 – Corte perspectivado edifício sudoeste

Fonte: <http://www.iab.org.br/projetos/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-mencao-honrosa>

✓ Pavilhão austríaco – Expo 2015

Ficha técnica

Arquitetos: Bence Pap e Mario Gasser

Local: Milão, Itália



Fig. 76 – Pavilhão austríaco – Expo 2015

Fonte: <http://aasarchitecture.com/2014/01/austrian-pavilion-expo-2015-by-bence-pap-and-mario-gasser.html>

Impulsionado por uma abordagem conceitual de destacar a diversidade cultural e de artesanato local dentro das regiões austríacas, o pavilhão é uma representação desses conhecimentos em conjunto com topografia diversificada da Áustria, que produz uma grande variedade dentro do cultivo de culturas agrícolas e de bens.

A proposta arquitetônica é de uma arca, carregando uma biblioteca com diversos produtos austríacos, produzidos localmente com uma filosofia sustentável. O pavilhão é organizado como um edifício de dois andares, executado com uma estrutura de aço.

e Folclore



Fig. 77 – Pavilhão austríaco – Expo 2015

Fonte: <http://aasarchitecture.com/2014/01/austrian-pavilion-expo-2015-by-bence-pap-and-mario-gasser.html>



Fig. 78 – Pavilhão austríaco – Expo 2015

Fonte: <http://aasarchitecture.com/2014/01/austrian-pavilion-expo-2015-by-bence-pap-and-mario-gasser.html>

Centro de Cultura e Folclore

Programa de necessidades básicas



Setor cultural

Ambiente	Descrição	Metragem quadrada
Hall de entrada	Área destinada à chegada de visitantes.	100 m²
Recepção	Área de chegada, credenciamento e espera.	20 m²
Sala de exibição	Espaço voltado para exibição de vídeos, com telão, e com equipamentos audiovisuais.	60 m²
Pavilhão multiuso	Área externa voltada para manifestações culturais.	200 m²
Auditório	Sala para projeção de som e imagem, voltada para a realização de seminários, cursos, congressos e convenções de público restrito. Capacidade para 100 pessoas	150 m²
Área de exposições	Locais disponíveis para exposições de materiais culturais, obras de arte e afins. Exposições permanentes e temporárias	300 m²

Área de estudos/biblioteca	Pequena biblioteca com acervos e espaço para estudos e leitura.	200 m²
Bar/cafeteria	Lanchonete fast-food. Ambiente interno para atendimento ao público com instalação contendo área de atendimento, cozinha, DML e lixo.	
Sala de aula	Espaço com instalações e equipamentos voltados para o ensino. Quantidade:1 sala	80 m²
Salas multiuso	Instalações de salas com equipamentos diversos para realização de oficinas, cursos, debates, criação, etc. Quantidade: duas salas	50 m²
Laboratório de imagem	Espaço voltado para a editoração eletrônica de vídeos, documentários, etc.	50 m²
Sala de arquivos – Arquivo público	Local com acervo de documentos à disposição do público.	30 m²
Área de vivência	Área externa voltada para convivência dos usuários e atividades culturais alternativas.	200 m²
Banheiros	Instalações sanitárias divididas por sexo. Feminino (6 bacias e 5 cubas). Masculino (6 bacias e 5 cubas). Duas instalações por pavimento.	25 m²

Setor administrativo



Ambiente	Descrição	Metragem quadrada
Sala de arquivos	Local destinado ao abrigo de arquivos e documentos privados ou de valor.	15 m ²
Depósito	Local destinado á guarda de materiais e equipamentos no período que não estiverem sendo utilizado.	20 m ²
Sala da direção		15 m ²
Sala da coordenação		15 m ²
Sala de reuniões	Espaço para reuniões do setor administrativo.	15 m ²
Recepção	Local de chegada e espera	15 m ²

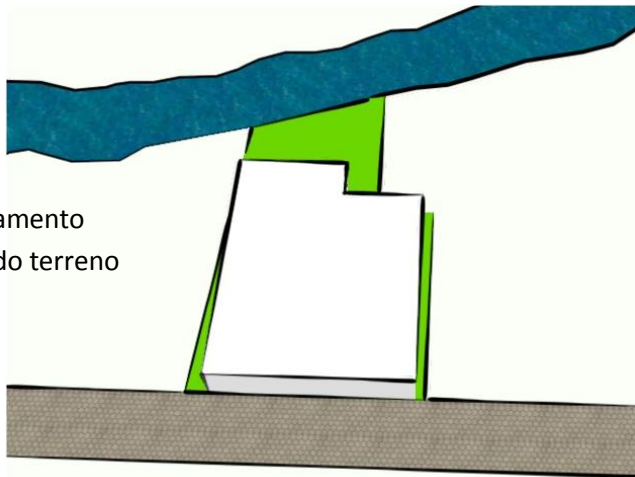
Setor de serviço



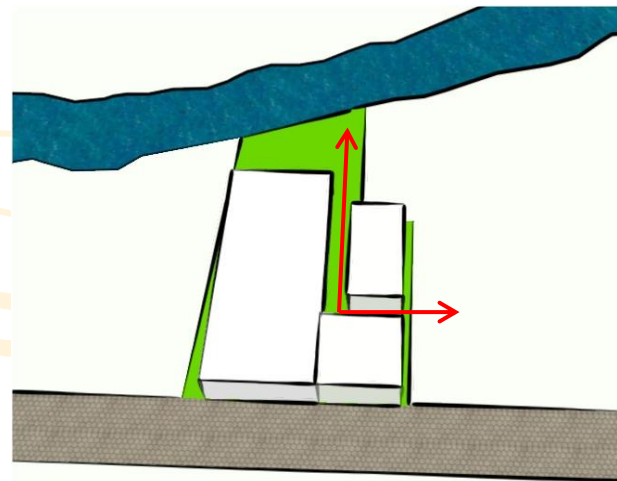
Ambiente	Descrição	Metragem quadrada
Vestiário feminino	Instalações sanitárias compostas por duas bacias, dois chuveiros e duas cubas. Destinada aos funcionários.	15 m ²
Vestiário masculino	Instalações sanitárias compostas por duas bacias, dois chuveiros e duas cubas. Destinada aos funcionários.	15 m ²
Lixo	Depósito de lixo com capacidade de abrigo de até três dias.	20 m ²
Cozinha/copa	Local destinado a lanches rápidos. Destinado aos funcionários	10 m ²
DML	Depósito de materiais de limpeza	10 m ²

Estudo da forma

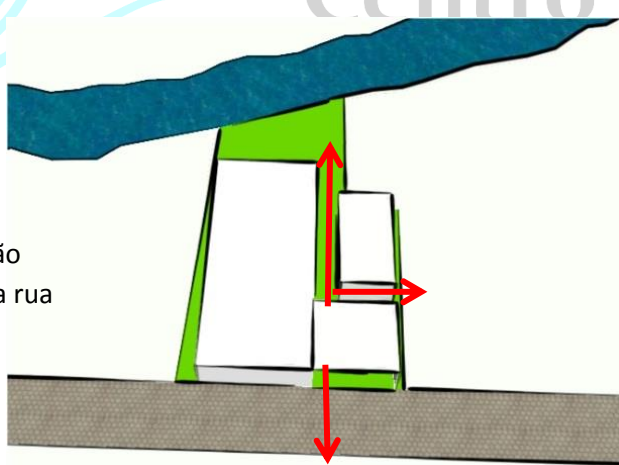
Aproveitamento
máximo do terreno



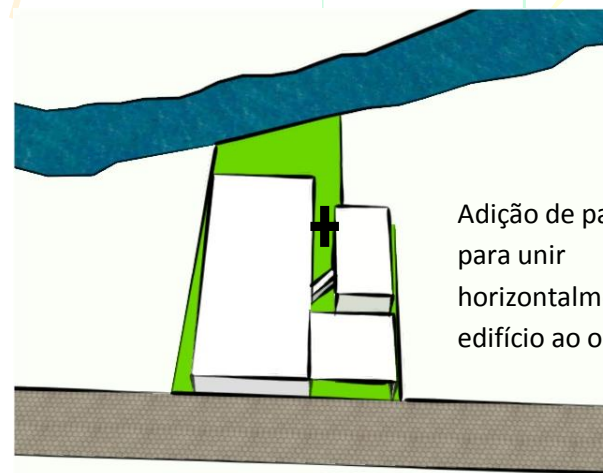
Divisão do bloco a fim
de criar um novo
edifício

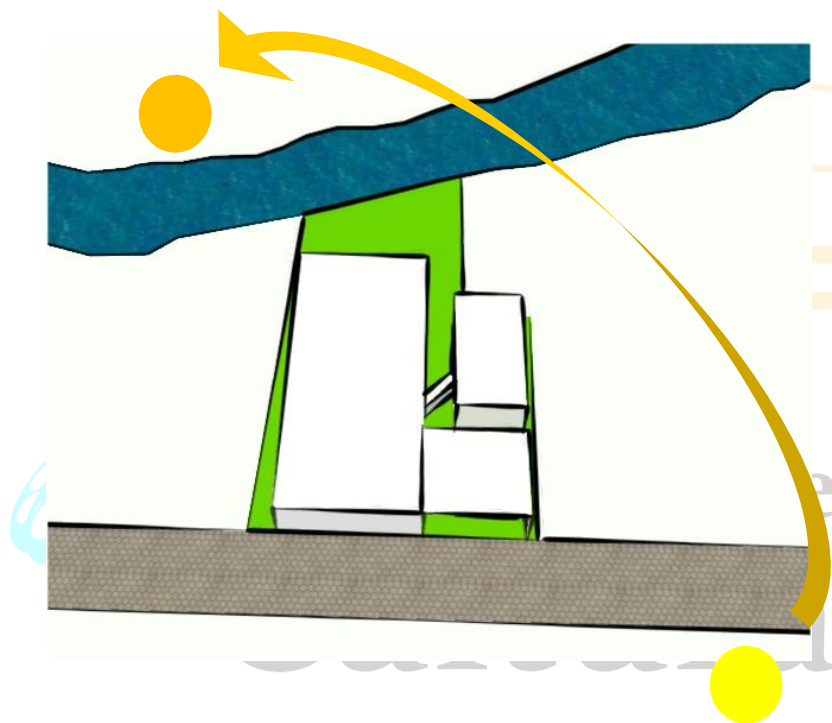


Abertura frontal
criando uma ligação
entre o terreno e a rua

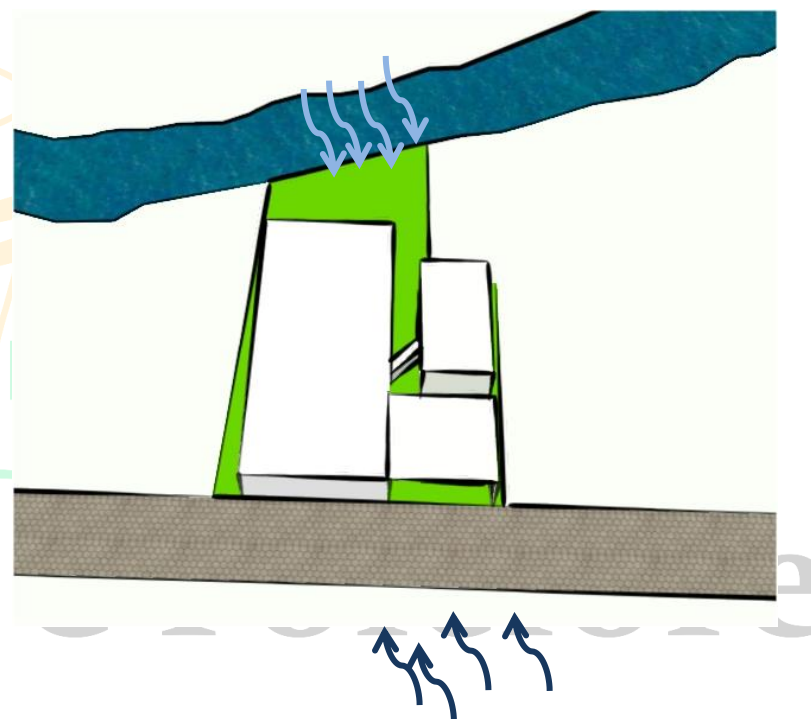


Adição de passarela
para unir
horizontalmente um
edifício ao outro.





Insolação – as divisões e aberturas favorecem a iluminação natural.

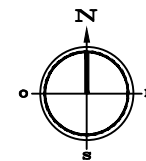


Ventilação – as aberturas favorecem a entrada e fluxo dos ventos dominantes(SE) e da brisa do rio.





01 PLANTA DE SITUAÇÃO
0000 ESC.: 1/2000



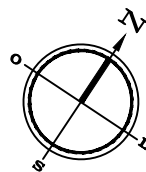
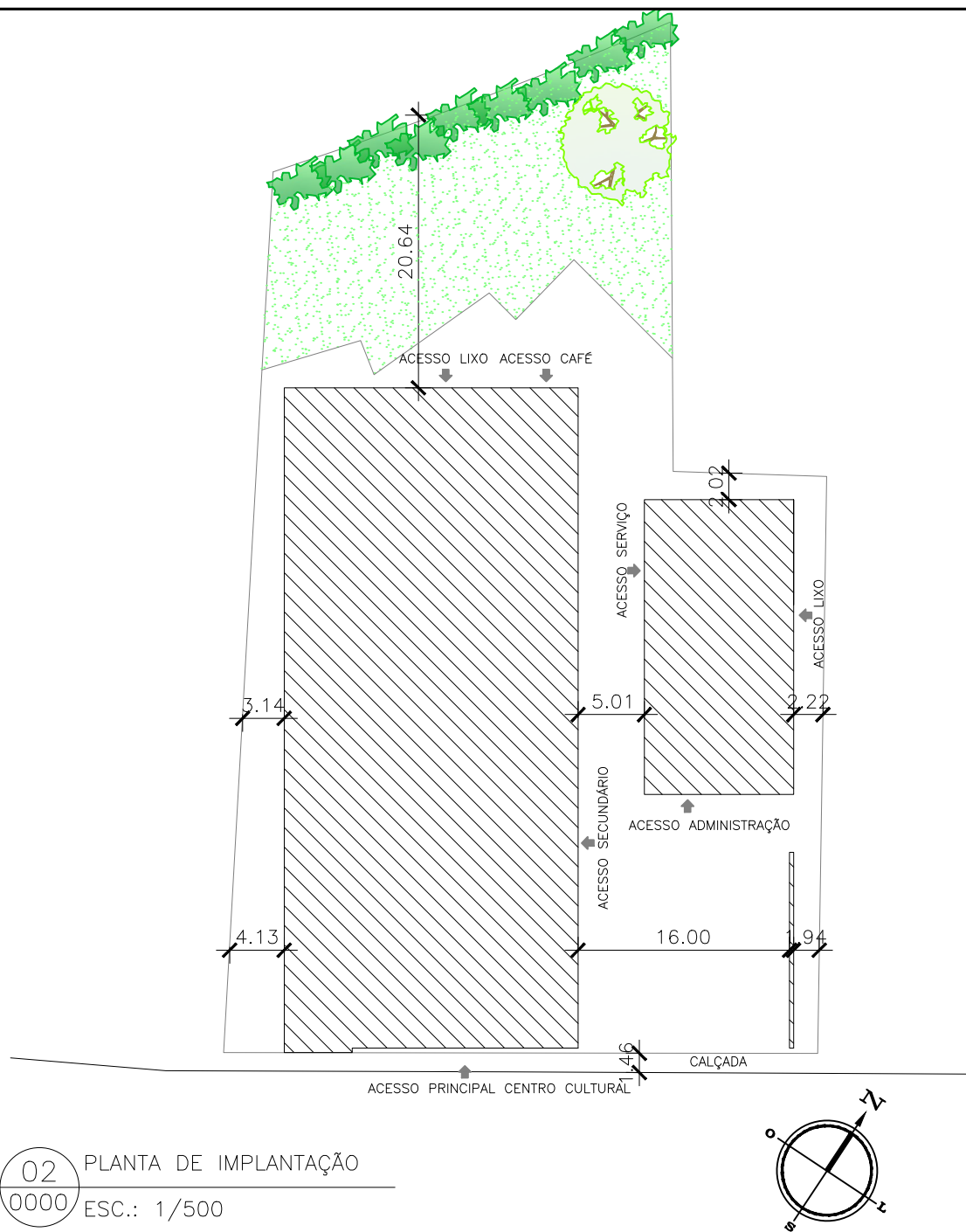
PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE CENTRO CULTURAL NA CIDADE DE MUQUI - ES

ALUNA: LORENNIA BORGES

ORIENTADOR: THIAGO MAIA

PLANTA DE SITUAÇÃO

02 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
0000 ESC.: 1/500



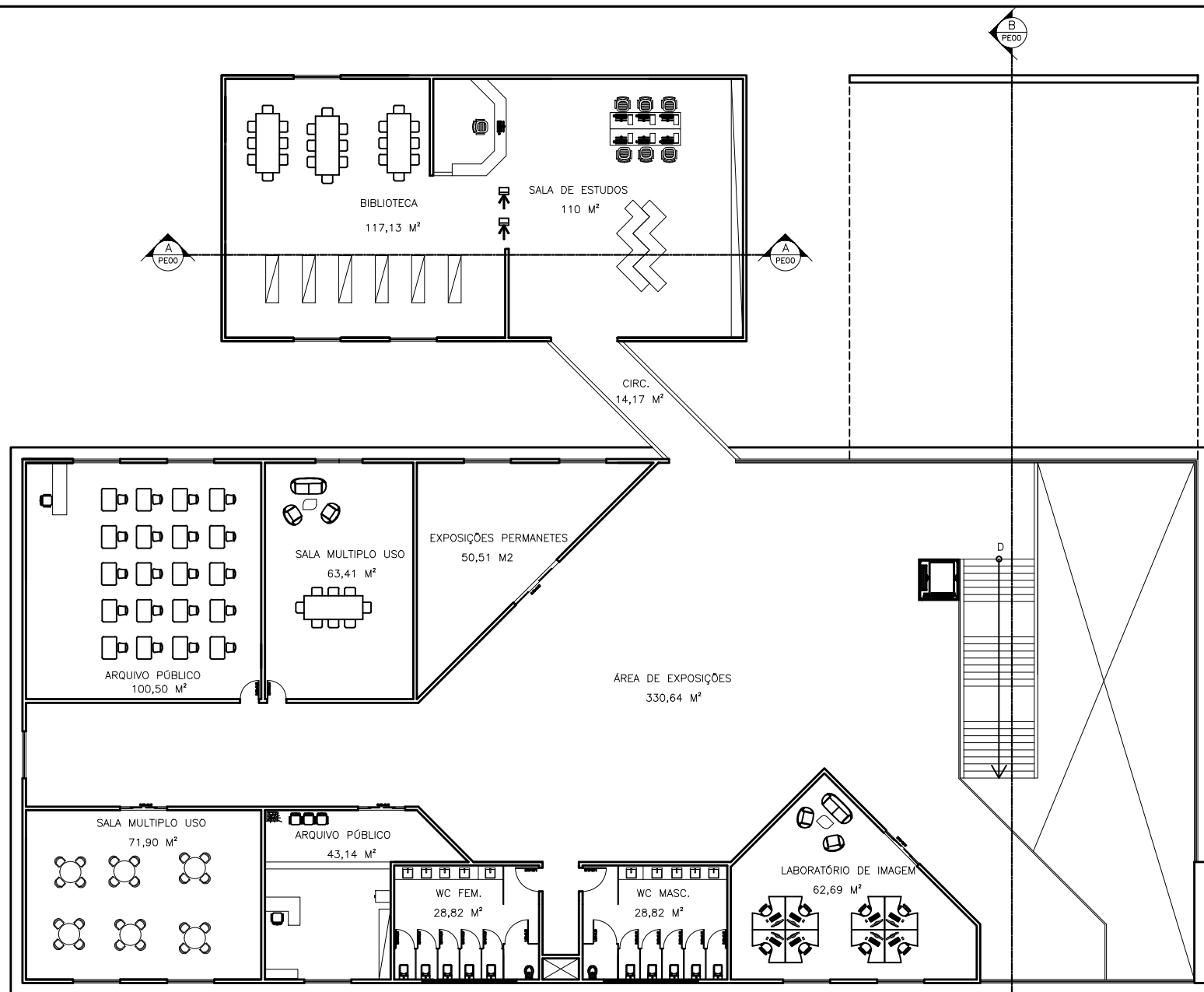
PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE CENTRO CULTURAL NA CIDADE DE MUQUI - ES

ALUNA: LORENN BORGES

ORIENTADOR: THIAGO MAIA

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO





04 PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR/ LAYOUT
0000 ESC.: 1/250

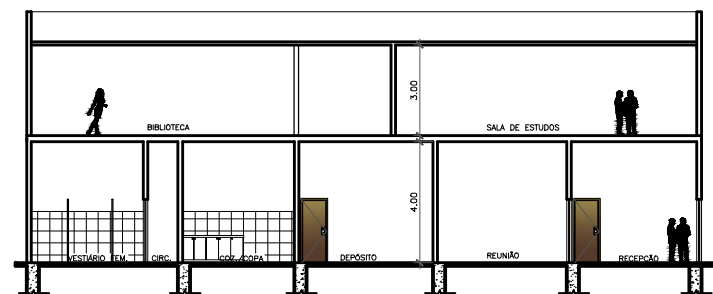
PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE CENTRO CULTURAL NA CIDADE DE MUQUI - ES

ALUNA: LORENNNA BORGES

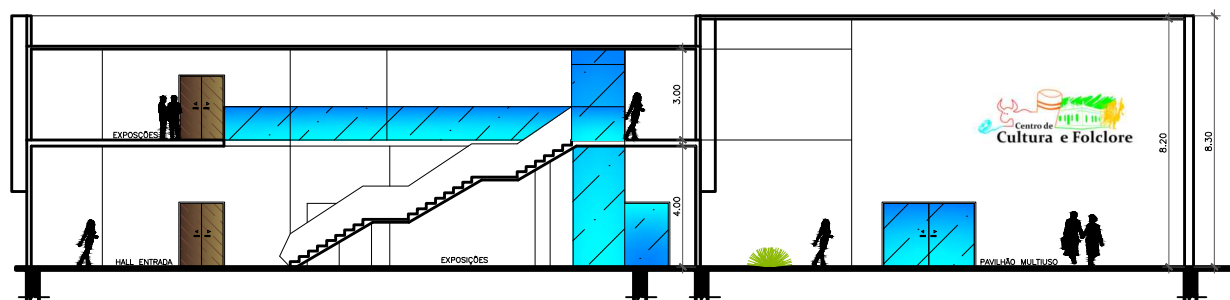
ORIENTADOR: THIAGO MAIA

PLANTA BAIXA LAYOUT

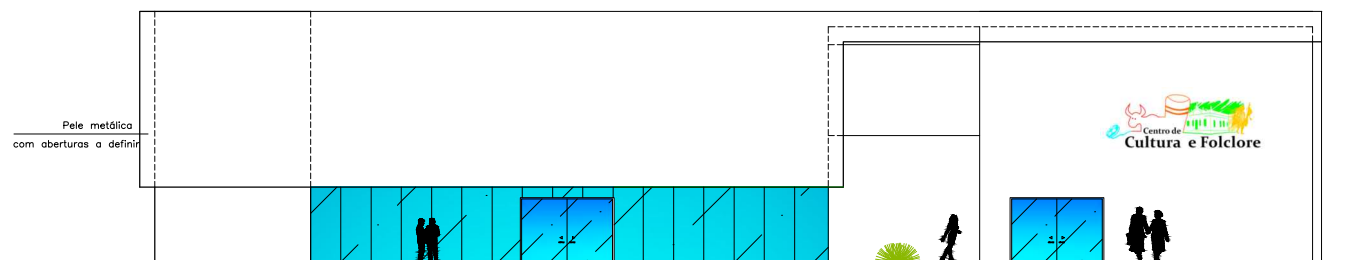




05 Corte AA
0000 ESC.: 1/250



06 Corte BB
0000 ESC.: 1/250



07 FACHADA SUDESTE
0000 ESC.: 1/250

PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO DE CENTRO CULTURAL NA CIDADE DE MUQUI - ES

ALUNA: LORENNNA BORGES

ORIENTADOR: THIAGO MAIA

CORTES E FACHADA



Referências

- ✓ GHIRARDELLO, N.; FARIA, G. G. M. Patrimônio histórico: como e por que preservar. Bauru, SP: Canal 6, 2008.
- ✓ GONZAGA, J.R. **Limites e possibilidades sobre o tombamento do patrimônio histórico de Muqui/ES.** 2005. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades). Universidade Cândido Mendes, Campos dos Goytacazes, RJ. 111p.
- ✓ HAUTEQUESTT, G. C. **Arquitetura Urbana do Café em Muqui-Es.** 2011. Dissertação (Mestrado em Artes, na área de concentração Patrimônio e Cultura). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES. 251 p.
- ✓ _____. **Lei Ordinária Nº 70 de 6 de outubro de 1999.** Dispõe sobre o Tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de Muqui e dá outras providências. Muqui, outubro de 1999.
- ✓ MACHADO, A.M.B. L. Muqui...suas gentes, suas tradições! 1ª ed. Muqui: edição do autor. 2012.
- ✓ MOTA, M. Projeto “Dolores Rosa”. Premio FUNARTE de Arte Negra. Muqui, ES. 2013.
- ✓ NBR 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.
- ✓ NEUFERT, P. Arte de Projetar em Arquitetura. 17ª ed. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2011.
- ✓ RAMBALDUCCI, N. E. Muqui, passado de glória, futuro de esperança. 2ª ed. Muqui: edição do autor, 2013.
- ✓ SEBRAE/ES. Inventário da Oferta Turística – Muqui– ES. Vitória: SEBRAE/ES, 2006.
- ✓ PORTAL DA SECRETARIA DE CULTURA DO ESPIRITO SANTO. CEC Resoluções. Resolução CEC 003/2012. Disponível em <<http://secult.es.gov.br/?id=/cec/resolucoes>>. Acessado em 22/02/2014.
- ✓ CAMARA MUNICIPAL DE MUQUI. Museu Virtual. Disponível em <http://www.camaramuqui.es.gov.br/museu_virtual.asp>. Acessado em 10/03/2014
- ✓ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Cidades@. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=320380&search=espiritosanto|muqui|infograficos:-historico>>. Acessado em 10/03/2014.
- ✓ YOUTUBE. Folia de reis - Costumes, Crença e Tradição. Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=SaXO2KmwICQ>>.
Acessado em 24/04/2014.

- ✓ PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Principais manifestações folclóricas do Espírito Santo. Disponível em <<http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/folclore.aspx>>. Acessado em 25/04/2014.
- ✓ CARNAVAL DO BOI. O boi. Disponível em <<http://www.carnavaldoboi.com.br/o-carnaval.php>>. Acessado em 29/04/2014.
- ✓ ARCHDAILY. Biblioteca Infantil e Centro Cultural por Conarte / Anagrama. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-143568/biblioteca-infantil-e-centro-cultural-por-conarte-anagrama>>. Acessado em 04/05/2014
- ✓ FURUTO, A. "Proposta Vencedora para o Centro de Arte e Cultura Étnica Internacional do Sudoeste / Tongji Architectural Design and Research Institute" Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-137956/proposta-vencedora-para-o-centro-de-arte-e-cultura-etnica-internacional-do-sudoeste-tongji-architectural-design-and-research-institute>>. Acessado em 04/05/2014.

✓ POLATI, W. "Muqui na passarela" Disponível em <<http://movimentohotspot.com/projeto/muqui-na-passeira/>>. Acessado em 04/05/2014.

✓ GRUPO CULTURAL ETC. "Histórico do Grupo". Disponível em <<http://etccultural.blogspot.com.br/2011/04/historico-do-grupo.html>>. Acessado em 04/05/2014.

✓ SERAPIÃO, F. "Brasil Arquitetura: Centro cultural Cais do Sertão". Disponível em <<http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-recife-05-04-2011>>. Acessado em 04/05/2014.

✓ FECIN. O festival. Disponível em <<http://www.fecin.com.br/novo/o-festival/>>. Acessado em 05/05/2014.

✓ RAMOS, L. B. Centro Cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>>. Acessado em 07/05/2014.

✓ NEVES. R. R. Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura. Disponível em <<http://www.ipog.edu.br/uploads/arquivos/55d81f6d4bcb86ffeb259195254b6ff5.pdf>>. Acessado em 07/05/2014.

- ✓ NT -10. Saídas de emergência. Disponível em <[http://www.cb.es.gov.br/\(X\(1\)F\(brfBxaak5hwBjmdxcOZ70hu4zPUzg-cFip0KbqyHsQx7z8IB3ilXNyIh3tkMIjwFSXIQdJM5n9PUw6QYwWCThwSeJhFCDvWt10WFmGmkprlxxpZX-42Sv8uda1sNo6s0fJcwZ4-10C8Z_8CGZsJNtQJ9WDk1\)\)/conteudo/atividadestecnicas/normastecnicas/default.aspx](http://www.cb.es.gov.br/(X(1)F(brfBxaak5hwBjmdxcOZ70hu4zPUzg-cFip0KbqyHsQx7z8IB3ilXNyIh3tkMIjwFSXIQdJM5n9PUw6QYwWCThwSeJhFCDvWt10WFmGmkprlxxpZX-42Sv8uda1sNo6s0fJcwZ4-10C8Z_8CGZsJNtQJ9WDk1))/conteudo/atividadestecnicas/normastecnicas/default.aspx)>. Acessado em 12/06/2014.
- ✓ RINALDI, M. "Austrian Pavilion Expo 2015 By Bence Pap And Mario Gasser". Disponível em <<http://aasarchitecture.com/2014/01/austrian-pavilion-expo-2015-by-bence-pap-and-mario-gasser.html>>. Acessado em 17/06/2014.
- ✓ MAGALHÃES, L. D. P. "A Água Vem À Cidade. A Cidade Vai À Água". Disponível em <<http://www.iab.org.br/projetos/centro-cultural-de-eventos-e-exposicoes-de-cabo-frio-mencao-honrosa>>. Acessado em 17/06/2014.



Cultura e Folclore

Anexo 1 - Controle urbanístico

SETOR	GABARITO MÁXIMO	ALTURA MÁXIMA1	AFASTAMENTO FRONTAL	AFASTAMENTO LATERAL	AFASTAMENTO FUNDOS	USOS PERMITIDOS2
Eixo da Ferrovia Parte baixa	2 pav. acima do nível da rua	10m para edificações na face do lote 7m para edificações no fundo do lote3	Sem afastamento frontal para edificações na face do lote 3,0m da edificação existente para edificações no fundo do lote4	1,50m no caso de haver abertura para ventilação e iluminação 3,0m na lateral em que houver varanda de edificação histórica no imóvel vizinho	3,00m 15,0m da margem do Rio Muqui nos lotes que fazem limite com o Rio.	Comércio e serviço local, atividades culturais e recreativas e uso institucional compatíveis com o uso residencial: R. Bernardino Monteiro; R. Vieira Machado; - R. Getúlio Vargas; R. Hitler Acha Ayub. * Residencial: - todos os logradouros.
Eixo da Ferrovia Parte alta		7m			3,00 m	Comércio e serviço local, atividades culturais e recreativas e uso institucional compatíveis com o uso residencial: R. Vieira Machado; R. Getúlio Vargas; Residencial: - todos os logradouros.
Eixo boa Esperança			Sem afastamento frontal			Comércio e serviço local, atividades culturais e recreativas e uso institucional compatíveis com o uso residencial: R. João Jacinto; Residencial: - todos os logradouros.
Jardim Público		8m				Comércio e serviço local, atividades culturais e recreativas e uso institucional compatíveis com o uso residencial: R. Vieira Machado; R. Poty Formel; R. Gercy Tamara Martins; R. Ciro Duarte. Residencial: - todos os logradouros.
Entre Morros		8m para edificações na face do lote 7m para edificações no fundo do lote	Sem afastamento frontal		15m da margem do Rio Muqui. 3,0m	Comércio e serviço local, atividades culturais e recreativas e uso institucional compatíveis com o uso residencial: R. Cel. Pedro João; R. Francisco Siano; Residencial: - todos os logradouros.

- 1 Incluindo a cobertura.
 2 Desde que não acarretem fluxo demasiado de veículos/ pessoas.
 3 Nos casos onde o lote permita novas construções, sendo vetado novos desmembramentos.
 4 Idem.

Parecer do orientador

